

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Da Mimi Animas **dima** 02

ANO LXIII
trimestral

O Rosto da
misericórdia

Publicação da Associação das Filhas de Maria Auxiliadora - Associação de Mulheres e Crianças de Lisboa

dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 01 . 2016

Ano LXIII
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale

Maria Ausiliatrice

Via Ateneo Salesiano, 81

00139 Roma

tel. +39 06872741

fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,

Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,

Anna Rita Cristaino, Emilia Di

Massimo, Dora Eyllenstein, Palma

Lionetti, Anna Mariani, Maria

Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,

Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha

Séide, Giuseppina Teruggi, Maria

Grazia Caputo, Caterina Cangia,

Mariano Diotto, Paolo Ondarza,

Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,

Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

www.vicis.it

Edição Extracomerciale

La revista **dma** è realizzata sobre carta ecolgica certificatda FSC, constituída de pura celulose e.c.f. e por un elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa

periódica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

A Paz é a vida 04
Ousar a Paz

Mobilidade humana 05
Com os migrantes

Cultura ecológica 07
Por uma ecologia integral

Fio de Ariadne 09
Desejo de ter e anseio de ser

Dossiê 11
O Rosto da misericórdia

O caminho de Damasco 15
O coração da evangelização:
"render graças"

Cultura ecológica



07

Horizonte Família

O tempo de decidir a própria vida 16

Em sua imagem

Gender na escola 19

FOCUS

Com olhos de criança 21

Voz dos jovens

Os jovens em Timor Leste 23

Habitar a cidade

Construir pontes 25

E- comunicar

A Mídia?
... uma vitrina 26

Cinema

Taxi Teerã 28

Literatura

Horizonte de fé e realismo humano 30

Música

O rosto da alma 32

Laboratório imagem

Fotografar para comunicar 33

Camila

Hospedar os peregrinos 37

Dossiê



11

O Rosto da misericórdia

Abre-se um tempo propício para a misericórdia. O nosso mundo, marcado por situações de grande beleza e também de grandes sofrimentos, invoca a misericórdia. A humanidade, como sempre, procura o rosto da Divina Misericórdia. Ela se inclina sobre a nossa miséria revestindo-a de misericórdia.

A experiência de ser abraçados pela misericórdia nos transforma, nos torna capazes de revelar o rosto misericordioso do Pai. Nosso é o exercício de gerar gestos para curar as profundas feridas da humanidade. Nosso é o caminho de solidariedade que fortalece as redes de comunhão, gerando proximidade. Nosso é o desejo de imitar as mesmas atitudes da divina humanidade de Jesus.

A misericórdia do Pai desperta em nós a esperança, que é a capacidade de colher os germes de uma vida ressuscitada na cotidianidade. Ela afina o nosso olhar para ressignificar os eventos, as tendências, a cultura. É isto que se pretende alcançar com os conteúdos apresentados neste número do DNA: assumir o olhar misericordioso de Deus para ser capazes de abraçar a realidade e incidir sobre ela, transformando-a a partir da mensagem de Jesus, “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”, assumindo o rosto da Sua misericórdia (Lc 6, 36).

Os temas solicitam e convidam a olhar para a realidade do ponto de vista educativo da misericórdia. O nosso empenho é promover uma educação misericordiosa por meio de palavras e gestos capazes de tecer a paz, de criar uma relação harmoniosa com a Criação, de viver eticamente relações carregadas de valores evangélicos.

A partir da leitura dos textos emerge o rosto divino da misericórdia, nas suas mil nuances de perdão, proximidade,

sustentabilidade das relações entre povos e nações, diálogo permanente, acolhida da diversidade, inclusão incondicional dos migrantes, cuidado da Terra; fazendo-nos co-criadores com o Pai e “suspendendo todo tipo de juízo” sobre o outro, como exorta com frequência o Papa Francisco. Nosso é o passo para continuar a construir pontes a fim de educar e educar-nos à misericórdia.

Abraçar a misericórdia é experimentar e traduzir na vida o amor que recebemos de Deus. Um Deus que acolhe a nossa humanidade ferida e é capaz de ser bálsamo que restaura, iluminando e recuperando aquilo que em nós se “perdeu”. A ação misericordiosa de Deus nos dê um novo impulso e sustente em nós uma vida digna, empenhada em promover uma formação que consolide a relação entre misericórdia-justiça-solidariedade-paz.

Somos convidados a continuar a atravessar a “porta da educação misericordiosa”, colocando-nos na escola de Jesus, no estilo salesiano da bondade, com a humildade clara de caminhar com os jovens, procurando com eles o rosto da Misericórdia, deixando-nos impregnar pelo Seu amor misericordioso.

Maria Helena Moreira
nhmoreira@cgfma.org

Ousar a Paz

Gabriella Imperatore
gimperatore@cgfma.org

É preciso ser obstinadamente otimista para falar de Paz em tempos nos quais se ouve, sempre mais, o rumor prepotente das armas e se é atordoado pelos telejornais com suas imagens e número de mortos por assassinato. Mesmo assim aqui estamos mais uma vez para acreditar, sonhar, esperar e invocar a Paz.

“*Em pé tecedores da Paz*”. Homens e mulheres que têm a paciência de tecer a paz, de educar para a paz, de fazer desabrochar a paz mesmo onde irremediavelmente ela é sufocada. Guardem a esperança de que o bem existe e não poupem esforços para fazê-lo germinar. A Paz, aquela que o Papa Francisco lembra ser “não um equilíbrio entre as forças contrárias”, “não uma bela fachada” por trás da qual existem contrastes e divisões. A paz é uma profunda aspiração humana, é um dom e ao mesmo tempo um fruto. Nós a recebemos e a cultivamos. Tem o sabor da cotidianidade, começa a tomar consistência dentro de cada um de nós, exercita-se nas nossas relações de solidariedade e se estende por meio de ações de responsabilidade, no tecido social dos povos.

■ Educar para o bem

Angelic Edna Calò Livne, nascida em Roma (Itália) mas de origem hebraica, educadora, diretora, escritora, criou e dirige, em Israel, a ‘Fundação La Shalom’ (hebraico significa “Um princípio de paz”) que tem como finalidade educativa a de contribuir, por meio do teatro multicultural da paz, à formação de uma geração que olha a outra cultura com maior compaixão e compreensão. Hoje o grupo reúne mais de 500 jovens hebreus, cristãos, muçulmanos. Juntos relatam, dançando, a necessidade profunda de paz de quem conhece a guerra em primeira pessoa e do Amor, única arma contra o ódio, Expressam a importância e o valor imenso da diferença como fonte de riqueza e de crescimento e não como motivo de conflito. “Beresheet” é uma mensagem de confiança num porvir onde se possa vencer a indiferença para dar a cada um dignidade e esperança.

■ Encontrar-se entre pessoas

Jerusalém: é um conflito que não termina nunca e que não nos impressiona mais. No entanto existem os que continuam a semear

reconciliação entre árabes e israelenses. É a história concreta de duas mulheres, Ruth Ebenstein, israelense de origem americana e Ibtisam Erekat, palestina da Cisjordânia; ambas são mães com filhos pequenos e/ou adolescentes. Encontraram-se por acaso a partir de uma experiência que aparentemente nada tinha a ver com o conflito: lutar contra um tumor no seio. «No momento do encontro nenhuma de nós pensa se é israelense ou palestina. Temos um inimigo comum, maior do que o conflito árabe-israelense: o tumor. E o estamos vencendo. Demonstração clara de que a paz é possível!».

Ruth e Ibtisam se reencontraram para lidar com a nova *intifada*, com o rosto terrível de rapazinhos e mocinhas, pouco maiores do que os seus filhos, que se lançam com uma faca contra o primeiro “inimigo” que passa. Pensaram, então, num gesto: foram juntas a uma escola israelita para falar a um grupo de adolescentes. Enfrentaram suas numerosas perguntas: «*Como sua amizade faz para avançar, com tudo aquilo que acontece?*». «*O que pensam os seus filhos?*». «*O que se pode fazer para sair desta situação?*».

«Se você tem amigos palestinos, para você eles não são mais transparentes. E se os palestinos têm amigos como vocês, para eles vocês não são mais transparentes. Encontrar-se entre pessoas, conhecer quem está do outro lado... somente esta é a resposta possível para a paz».

■ Curar as feridas

Irfanka Pasagic é uma neuropsiquiatra originária de Srebrenica. É diretora da associação “Tuzlanska Amica”, uma organização não governamental, centro para a assistência e o cuidado das mulheres traumatizadas. O seu trabalho começou em 1992, para aliviar os sofrimentos de um número crescente de mulheres e crianças

chegados dos campos de concentração, das zonas sujeitas à limpeza étnica e em fuga da cidade de Srebrenica. Irfanka, graças ao seu empenho e aos seus estudos de medicina e psiquiatria, deu uma família a mais de 850 crianças, e agora o centro é um dos poucos lugares onde mulheres, crianças, homens traumatizados, podem receber ajuda psicológica, mas também assistência médica,

Não podemos parar ou desistir. Este é o nosso dever para com as gerações presentes e futuras. Devemos levantar-nos e seguir em frente! (Wangari Maathai, Prêmio Nobel da Paz 2004).

Temos necessidade de paz. A paz é o reconhecimento da dignidade, do direito que cada pessoa tem de existir. O mundo será melhor quando arregaçarmos as mangas para esta obra de paz! (Dom Luigi Ciotti)

social e legal. A adoção a distância não se limita à coleta e distribuição de preciosas ajudas financeiras. Realmente, quem adota recebe uma relação constante sobre o estado de saúde das crianças e do seu andamento escolar e familiar, e é estimulado a visitá-los em Tuzia ou hospedá-los nos períodos de férias, com cuidados e restauro.

O caminho é trabalhoso, mas a esperança de um mundo melhor e mais justo continua a viver no seu coração.

Não se obtém a paz sem esforços, sem conversão, sem criatividade e confronto. Trata-se de sensibilizar e formar ao senso de responsabilidade. É uma questão educativa, onde encontrar-se e conhecer-se facilita progressivamente o caminho. O respeito, a acolhida, a solidariedade, o cuidar de quem sofre, faz progredir a paz, em toda parte.

PRIMEIRO PLANO *Mobilidade humana*

Com os migrantes

Pela REDAÇÃO

dmanews@cgfma.org

A migração é um fenômeno de absoluta relevância internacional, no plano político, econômico, social e religioso. O 23º Capítulo Geral incentivou a trabalhar em rede em favor dos migrantes, a “Encontrar, como Conferências Inspeitoriais, as modalidades de se conectar entre as comunidades FMA, os diversos grupos da Família Salesiana e as várias instituições civis e eclesiais para aprofundar as causas das migrações e colaborar com projetos educativos...” (CG XXIII, Documento capitular, n. 70).

■ A Igreja e os migrantes

A Igreja encarregou-se das problemáticas do fenômeno da migração e está sempre mais em busca de percursos interpretativos deste sinal dos tempos, “para descobrir neles o desígnio de Deus e assentar as bases de uma respeitosa pastoral migratória para os migrantes e que, ao mesmo tempo, tenha em vista a comunhão e a catolicidade. A encarnação de Cristo interpela a Igreja a implementar o desígnio divino de comunhão

e a viver o sinal da catolicidade também como celebração da legítima diversidade” (cf Instrução *Erga migrantes caritas Christi* n. 98, Conselho Pontifício da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes).

Deus mesmo se fez ‘migrante’ no Filho, porque escolheu “migrar” da sua divindade à humanidade por amor (Jo.3,16). A “migração” de Deus rumo à humanidade tornou possível a “migração “ do homem para Deus. Jesus, desde menino, foi ‘migrante’ (Mt. 2, 13-17). Ele manifestou sua abertura aos diferentes, aos não hebreus, à mulher cananeia, ao centurião romano.

Ao longo do caminho os discípulos de Emaús encontraram um “forasteiro” e o acolheram. Ao acolher os migrantes, acolheu-se o Cristo migrante. O “forasteiro” que os discípulos acolheram à sua mesa fez arder o seu coração, alargar o seu olhar para horizontes novos e mais amplos. O encontro com quem é diferente transforma, derruba o muro da divisão, da diversidade sócio-econômica, cultural, linguística e religiosa, cria uma única família humana.

A Igreja está presente lá onde estão os migrantes. Com eles compartilha alegrias e esperanças, dores e sofrimentos. Está presente para oferecer ajuda humana e solidariedade social, para defendê-los (advocacy) no caso de serem lesados nos seus direitos, por meio de uma ação pastoral, educativa e evangelizadora.

■ Cuidar dos migrantes

As migrações são um desafio para a Igreja. O Papa Francisco, na mensagem para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado 2016, escreve: *As migrações não podem ser reduzidas à dimensão política e normativa, às repercussões econômicas e à mera presença de culturas diferentes no mesmo território. Estes aspectos são complementares à defesa e à promoção da pessoa humana, à cultura do encontro dos povos e da unidade*. A presença de novos e velhos migrantes nos interroga continuamente e, ao mesmo tempo, nos transforma, como indivíduos e como sociedade: mutações que ocorrem espontaneamente seja em quem emigra, seja em quem acolhe os migrantes. A bússola – sugere o Papa – é a misericórdia *“que sacode as consciências e impede que se habitue com o sofrimento do outro; que é dom de Deus Pai revelado no Filho; que alimenta e fortalece a solidariedade para com o próximo”*.

A misericórdia nos permite encontrar o outro: um encontro autêntico, “em que se está disposto não somente a dar, mas também a receber dos outros”.

Hoje as Filhas de Maria Auxiliadora de todo o mundo, em colaboração com as Instituições civis e eclesiais, estão empenhadas na missão pastoral em favor dos migrantes. O cuidado educativo-evangelizador dos migrantes comporta acolhida, respeito, tutela, promoção, amor autêntico de cada pessoa em suas expressões religiosas e culturais.

É deste tipo a experiência com as comunidades dos migrantes filipinos que são na maioria católicos. Muitas paróquias são lugares de encontro e de socialização para a comunidade. Nas paróquias as Irmãs fazem catequese para as crianças e os adultos em preparação ao batismo e à primeira comunhão, difundem a devoção mariana com

a visita às famílias, rezam junto o terço, animam o encontro de oração-reflexão da Palavra, promovem a formação humana e religiosa. Nos tempos litúrgicos do Advento e da Quaresma organizam retiros ou exercícios espirituais.

O caminho do diálogo interreligioso e o testemunho de fé favorecem o conhecimento recíproco, o respeito e a conversão. Noemi I., emigrada para o Japão, relata: “Quero praticar a minha fé mesmo vivendo num país não cristão. A presença de sacerdotes e religiosas/os que trabalham para os migrantes, ajuda-me muito a viver a minha fé e a ensiná-la às minhas três filhas já adultas. A maior graça que recebi do Senhor foi quando o meu marido pediu para ser batizado em 1998”.

Os próprios filipinos migrantes, juntamente com as Irmãs, fazem o trabalho de animação em varias paróquias. Durante a semana ensinam o catecismo a pequenos grupos, levam a comunhão aos doentes e aos idosos, chamam os sacerdotes para a unção dos enfermos.

Pessoas consagradas e leigos trabalham com os migrantes e respondem ao chamado do Senhor “ide e fazei discípulos em todas as nações” (Mt 28,29). São muitos os migrantes filipinos que colaboram nas paróquias e nas obras de serviço aos migrantes, como Emily: “Meu marido e meu filho ocupam-se da animação litúrgica, minha filha é líder no grupo dos jovens e eu estou empenhada no acompanhamento para promover a religiosidade e os valores tradicionais filipinos, iniciativas de solidariedade para coletar fundos e favorecer a melhoria de vida para os migrantes e a sua integração social”.

As FMA colaboram com as Instituições para a promoção da integração social dos trabalhadores filipinos por meio de várias formas de *aconselhamento, empoderamento* e de formação, consultas sócio-econômicas, mediações interculturais entre a comunidade filipina, a Embaixada e o Escritório das Migrações.

«Cada um de vocês traz em si uma história, uma cultura, valores preciosos; muitas vezes também experiências de miséria, de opressão, de medo. Sua presença é sinal de esperança em Deus. Não deixem que lhes roube a esperança e a alegria de viver, que brota da experiência da divina misericórdia, também graças às pessoas que os acolhem e os ajudam» (Papa Francisco aos 7 mil migrantes e refugiados presentes na Praça de S. Pedro no Jubileu dos Migrantes).

Por uma ecologia integral

Julia Arciniegas - Martha Séide

j.arciniegas@cgfma.org - mseide@yahoo.com

A contribuição coloca em evidência que a ecologia integral é a perspectiva unificadora da encíclica *Laudato si'*. Dada a sua importância vital para o nosso planeta, ela deve ocupar um lugar central no processo educativo envolvendo todas as instituições e os âmbitos de vida.

■ Tudo está interligado

Tudo está vinculado, interligado, intimamente relacionado! Estas expressões que descrevem a interação entre os seres vivos no planeta terra, parecem o *leitmotiv* que atravessa a Encíclica *Laudato si'*. Antes, pode-se afirmar que é a perspectiva que dá unidade às temáticas tratadas e é chamada pelo Papa Francisco, *ecologia integral*, que compreende claramente todas as dimensões da existência humana, natural, ambiental e social (cf. n. 137).

O Pontífice, no quarto capítulo, analisa cuidadosamente os elementos que asseguram uma ecologia integral. Nada neste mundo é independente, nem mesmo o tempo e o espaço, os átomos e as partículas subatômicas, os componentes físicos, químicos e biológicos da terra, as espécies dos seres vivos, os organismos vivos e o meio ambiente na relação entre a natureza e a sociedade que a habita (cf n. 138). Existe em suma uma interação dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Por isso é preferível falar de ecossistemas.

■ Ecologia integral como ecossistema

Afirmar a ecologia integral como um sistema de ecossistemas, inclui a consciência da complexidade da realidade e, sobretudo, a interdependência entre os diversos elementos. Assim compreende-se porque a categoria da ecologia integral permite ler numa chave unitária situações aparentemente contrastantes como: fenômenos ligados à degradação do ambiente, da vida social, cultural, econômica,

vida cotidiana, trabalho, saúde, corpo, justiça, bem comum (cf n. 138-162). Como afirma o jesuíta G. Costa, diretor da Revista "Atualidades sociais": «O mundo é um ecossistema e não se pode agir sobre uma parte sem que as outras ressintam. Esta abordagem é o passo adiante que a *Laudato si'* entrega a todos aqueles que a leem, crentes e não crentes».

Trata-se de uma abordagem holística que, em nome da qualidade da vida humana e do cuidado da casa comum, permite integrar numa perspectiva unitária disciplinas várias, profissionalismo, instituições e envolvimento dinâmico da pessoa em todas as suas dimensões. Os comentadores da encíclica a colocam no sulco das grandes encíclicas sociais, onde a ecologia integral torna-se paradigma de justiça, percurso espiritual em que o aspecto humano-social está intimamente ligado à realidade ambiental rumo a um progresso de desenvolvimento sustentável.

«Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade da vida humana» (n. 142).

■ Ecologia integral como comunhão universal

A partir de uma leitura atenta da Encíclica, percebe-se que as problemáticas ligadas à crise ecológica, são interpretadas numa perspectiva integral à luz da Sagrada Escritura, partindo da centralidade dos relatos da criação (cf *Gn* 1-2). «Estes sugerem que a existência humana baseia-se em três relações fundamentais estreitamente vinculadas: a relação com Deus, com o próximo e com a terra» (n.66). Sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por liames invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde (cf n.89). Consequentemente nós, todos os seres do universo, estamos unidos

em fraternidade «em uma peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem por cada uma das suas criaturas e que nos une entre nós, com terna afeição» (n.92). Se a ecologia integral é tão essencial, por que é tão difícil realizá-la nos nossos ambientes de vida?

■ Na raiz da difícil ecologia integral

Além do pecado que rompeu a harmonia das relações desde o início da criação (cf n.66), o Papa Francisco reconhece dificuldades também no paradigma tecnocrático e num certo excesso de antropocentrismo (cf n. 106-116). Em outros termos, o homem moderno colocou a razão técnica acima da realidade e assume uma posição autorreferencial, centrada exclusivamente em si mesmo e no seu poder. Daí deriva uma lógica que justifica todo tipo de descarte, tratando o outro e a natureza como simples objeto, e conduz a inúmeras formas de domínio, contrárias a uma administração responsável.

«A ecologia integral é inseparável da noção do bem comum, um princípio que tem um papel central e unificante na ética social»

■ O bem comum é o caminho para o desenvolvimento integral

Lembrando o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, o Pontífice descreve o bem comum como «o conjunto das condições da vida social que permite tanto aos grupos como a cada membro alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição» (n. 156). O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal e pelos seus direitos fundamentais e inalienáveis, ordenados ao seu desenvolvimento integral.

O bem comum, por sua vez, inclui a afirmação da família, como célula primária da sociedade, a promoção da paz social, o apelo à solidariedade, a opção preferencial pelos mais pobres, a busca pelo bem das gerações futuras. Toda a sociedade – e nela especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum (cf n.157-162; *Evangelii Gaudium*, n. 217-237).

Se tudo está interligado, é necessário cultivar a consciência de que as respostas aos numerosos problemas, inclusive os do

ambiente, não podem provir de um único lado. Ocorre exercitar-se com olhar atento aos vínculos a fim de «identificar caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo atual» (n. 110). Trata-se de um verdadeiro desafio educativo.

■ Educar à aliança entre a humanidade e o ambiente

O capítulo sexto da encíclica, dedicado à educação e à espiritualidade ecológica, é antes de tudo um convite a educar à aliança entre a humanidade e o ambiente. Esta implica a passagem da *educação ambiental* centrada na informação científica, na tomada de consciência e na prevenção dos riscos, à recuperação «dos distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus» (n. 210). Tal educação ambiental está aberta ao Mistério, do qual uma *ética ecológica* recebe o seu sentido mais profundo. O Papa solicita os educadores a elaborarem *itinerários pedagógicos de ética ecológica* capaz de ajudar as jovens gerações a crescerem efetivamente na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado baseado na compaixão (cf n.210). Trata-se, portanto de uma educação à cidadania.

«Uma ecologia integral é feita também de simples gestos cotidianos pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo» (n. 230)

■ Educar à cidadania ecológica

A encíclica chama os educadores a criarem uma “*cidadania ecológica*”, isto é, a fazerem amadurecer hábitos, a reforçarem convicções, a cultivarem virtudes sólidas em vista da transformação da pessoa. Neste contexto, «a *educação à responsabilidade ambiental* pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado com o ambiente» (n. 211).

Nesta mesma linha, afirmam as pesquisadoras M. Fonte e C. Salvioni: «Cidadãos ecológicos são aqueles que respondem a princípios de ética global, encarregam-se da responsabilidade social e ambiental dos seus comportamentos e são pró-ativos na redução do impacto negativo

das suas compras e do seu consumo sobre o ambiente e sobre as pessoas».

A cidadania ecológica interpela não apenas cada pessoa, mas também todas as instituições e todos os âmbitos da vida: família, escola, meios de comunicação,

catequese, política, associações, seminários, comunidades religiosas (n. 213-214). Conectados, todos nós temos alguma coisa a oferecer para melhorar a vida no nosso planeta.

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

Desejo de ter e anseio de ser

Maria Rossi

rossi_maria@libero.it

Nas sociedades ocidentais um conjunto de fatores, não menos importante do que o tipo de economia que se instaurou, e a refinada publicidade que para sustentá-lo faz brilhar também o efêmero, induzem a crer que para ser feliz, para ser “alguém” seja necessário ter tudo o que a moda propõe e o mercado oferece, agigantando o desejo de possuir e de consumir, até o desperdício.

■ A situação

Faz algum tempo que notícias a respeito do acúmulo injusto de dinheiro à custa de terceiros, por parte de quem já possui em abundância bens e cultura, estão sendo difundidas. O conhecimento destes fatos e a consciência de que para a produção dos bens oferecidos exploram-se as pessoas e a terra, polui-se o ambiente e semeiam-se violência e morte, escandaliza, mas leva somente a uma condenação passiva, fatalista que não muda nada.

A situação, denunciada no século passado por estudiosos de vários Países, mas feita passar por falso alarme porque ia contra os interesses dos grandes proprietários, emergiu novamente na sua urgência seja pelo superaquecimento do ambiente, seja pela publicação da encíclica do Papa Francisco, *Laudato si'*. E os políticos dos 18 Países mais ricos, reunidos em Paris, reconhecendo que o planeta Terra chegou à beira do suicídio, empenharam-se em conter os danos e em prevenir os perigos denunciados.

■ Comportamentos comuns

Quem vive respirando esta cultura, enquanto condena quem se enriquece indevidamente e culpa o consumismo e o desperdício na vida cotidiana, é induzido a assumir atitudes na mesma linha. Tende-se, de fato, a exigir com certa prepotência, a ver o “usa e joga fora” como um hábito sadio e higiênico, a eliminar objetos somente parcialmente usados porque o mercado apresenta outros mais cômodos e velozes, a estudar para ter um título a ser exibido e poder competir, a acolher as pessoas por aquilo que podem dar e a rejeitar quem pela ancianidade ou deficiência acredita-se que não tenha nada para oferecer. E, mesmo tendo muitas coisas, vive-se com saudades do tempo em que se tinha menos e se gozava mais.

Os bens adquiridos, exigindo cuidado e atenção para não perdê-los, tiram tempo às relações interpessoais que fazem crescer em humanidade, e podem também levar a rejeitá-las. Ter com facilidade computadores sofisticados e não chegar a ser competitivos como a sociedade quereria, está fazendo emergir entre os adolescentes uma nova patologia, os *hikikomori*, que significa “ficar à parte, isolar-se”. O fenômeno nascido no Japão, país tecnologicamente muito equipado, está se difundindo também em outros Países. Trata-se de adolescentes que abandonam a escola, os amigos, recusam qualquer contato com o exterior, escondem-se no seu quarto e vivem colados no computador, sempre conectados, imersos numa realidade puramente virtual, acordados de noite e mergulhados no sono, de dia.

■ As duas tendências.

Possibilidade de escolha

Com o desejo de ter, convive também o anseio de ser. Ter e ser, segundo o famoso psicanalista Erich Fromm, são duas modalidades existenciais fundamentais presentes em cada pessoa. A modalidade do ter toma a própria força de um fator biológico, o desejo de sobrevivência. Para viver dignamente, o ser humano tem necessidade de ter o necessário. A modalidade do ser, do compartilhar, do sacrificar-se obtém a própria força da necessidade irresistível de superar o próprio isolamento egoísta mediante a união com os outros.

A cultura e a educação têm uma forte influência tanto sobre a potencialização de um tipo de tendência quanto sobre a sua repressão; tanto sobre o objeto para o qual dirigir o desejo quanto sobre as modalidades de satisfazê-lo.

No ocidente predomina o desenvolvimento da tendência ao ter. A consciência de que os condicionamentos culturais são invasivos, mas não totalmente, poderia orientar a uma formação favorável ao desenvolvimento da modalidade do ser que é crescimento rumo à plenitude do humano, capacidade de amar, santidade. O problema é perceber os condicionamentos e encontrar coragem de colocar-se em discussão e de arranhar a firme convicção de estar certo.

Vive-se na modalidade do ser quando, diante de uma flor, goza-se somente ao admirá-la sem ter necessidade de arrancá-la para tê-la; quando se é sóbrio mesmo estando na abundância; quando se goza ao compartilhar, ao ajudar, ao fazer felizes os outros; quando se dá precedência à escuta das pessoas mais do que recorrer às informações ou ficar muito conectadas na internet; quando se cultiva a capacidade de pensar de maneira crítica e de escutar respeitosamente quem pensa de modo diferente; quando se tem respeito por cada pessoa e por cada forma de vida; quando se cultiva o amor para o saber, a arte, a beleza; quando se é feliz ao escutar as vozes e os silêncios da natureza, ao contemplar as

estrelas, ao mergulhar naquele Mistério que dá sentido ao viver e ao morrer.

A promessa de felicidade não pode ser satisfeita pelo possuir. A história e a vida cotidiana o demonstram. A riqueza oferece somente um punhado de prazer e uma ilusória liberdade. «O homem é como um recipiente que, enquanto se enche, se amplifica, de modo que nunca ficará cheio», escreve Fromm.

Todavia, na ilusão de encontrar plenitude, quem se encontra nas engrenagens do ter, fica obrigado a acumular sempre mais e a viver na ansiedade e no medo de perder aquilo que tem.

É o amor que dá felicidade e liberdade

O seu ser não depende da riqueza, não pode ser comprado. Apesar do sutil condicionamento da cultura, existem ainda pessoas que dão asas ao anseio de ser. É uma multidão silenciosa que dedica a vida para melhorar as condições das pessoas e do ambiente, que estuda, não para possuir cultura, mas para encontrar o modo de prevenir ou curar doenças, para salvar o Planeta, para criar beleza e harmonia, para difundir fraternidade e paz. São pessoas livres do medo, porque, nada possuindo, nada têm a perder. São livres do egoísmo e sabem acolher, escutar, cuidar e alegrar-se com uma pessoa, com uma ideia, com uma flor sem precisar possuí-la. A cada uma/um cabe a escolha.

Para aprofundar:

Erich Fromm, *Ser ou ter?*,

Oscar Mandadori. É um livro reeditado e traduzido em muitas línguas. Faz pensar porque, escrito há 40 anos, citando Autores a ele precedentes, reflete sobre a situação ecológica e as preocupações da Encíclica *Laudato si'*.

O rosto da misericórdia

Martha Séide – Emília Di Massimo

mseide@yahoo.com – emiliadimassimo@libero.it

Inspirando-se na Bula de proclamação do Jubileu da misericórdia, e na mensagem da 31ª jornada mundial da juventude, o texto reafirma a ideia de que Jesus é o rosto da misericórdia do Pai. N'Ele, a misericórdia é plenitude de vida, de bênçãos, de felicidade, é caminho para um relacionamento correto, solidário e, portanto, é estilo educativo.

■ Felizes os misericordiosos porque encontrarão misericórdia (Mt 5,7)

O título deste dossiê: “O rosto da misericórdia”, inspira-se na Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia promovido pelo Papa Francisco, e na mensagem da 31ª jornada mundial da juventude. Colocando-nos no caminho eclesial, com a atenção voltada particularmente para o mundo juvenil, acolhemos o convite a fazer deste ano um tempo favorável para tornar mais forte e eficaz o nosso testemunho de Jesus, rosto da misericórdia do Pai (cf MV, 3).

O Cardeal Kasper, conhecido pela sua contribuição no tema da misericórdia, especifica que a mensagem correspondente não é uma teoria ou uma palavra abstrata, nem um sentimentalismo, mas, em vez disso, um rosto, uma experiência, um nome. Jesus ensina a ser misericordiosos a exemplo do Pai (Lc 6,36) e proclama felizes aqueles que se empenham para entrar nesta lógica (cf Mt 5,7). Por isso, a misericórdia exprime o rosto de Deus Pai que se revela nos gestos concretos de Jesus de Nazaré. «Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nesta palavra a sua síntese» (MV, 1).

Neste contexto, é importante redescobrir os traços deste rosto, para aprender a ser misericordiosos como o Pai. É assim que se poderá viver o espírito das bem-aventuranças para realizar o desejo de felicidade que habita cada coração humano, não segundo a mentalidade do mundo, mas na lógica do Evangelho.

■ A misericórdia: convite à felicidade

Uma leitura atenta do Evangelho deixa transparecer o autorretrato de Jesus, resumido no discurso das Bem-aventuranças, como afirma o Catecismo da

Igreja católica: “As bem-aventuranças pintam o rosto de Jesus Cristo e descrevem a sua caridade”(n. 1717).

Alguns comentaristas apresentam as bem-aventuranças não tanto como deveres morais, mas como um convite à felicidade, um conjunto de augúrios e de bênçãos para quem deseja seguir Jesus. Nesta perspectiva, é interessante notar que, no elenco das bem-aventuranças proposto por Mateus (5, 1-12), a recompensa que segue o empenho promete um sinal adicional: aos pobres o Reino dos céus; aos aflitos a consolação; aos mansos a terra; aos sedentos e famintos a saciedade; aos puros de coração a visão de Deus; aos operadores da paz a filiação divina; aos perseguidos o reino dos céus. Todavia, para os misericordiosos, não há nada de novo, a eles promete-se misericórdia. Como assim? Os estudiosos interpretam este fato reafirmando o valor central e essencial da misericórdia na vida cristã. O essencial do Evangelho é a misericórdia, afirma o Papa Francisco. Então, ela é o outro nome de Deus; é a plenitude da vida concreta de Deus e dos seres humanos criados à sua imagem e semelhança (cf Gn 1,26). Por isso, é abençoado, afortunado, feliz quem é misericordioso, porque já está participando da vida divina; afirma o biblista Cláudio Doglio: «Uma vez que Deus usa com você o critério da misericórdia, sinta-se um afortunado porque também você, por sua vez, pode ser misericordioso».

A partir deste ponto de vista podemos afirmar que a misericórdia é um atributo essencial de Deus e, como consequência, a característica da pessoa plenamente bem sucedida.

Portanto, é necessário viver a misericórdia na escola de Jesus para aprender d'Ele a tecer relações corretas.

«Viver a missão como misericórdia e na misericórdia, comporta para a Igreja amadurecer em algumas condições prévias: a consciência do limite, a magnanimidade do coração, a capacidade de compaixão e ternura» (Serena Noceti)

■ A misericórdia, caminho para a relação correta

Na lógica das bem-aventuranças evangélicas, uma boa relação com Deus deságua necessariamente num encontro positivo com os outros: *“Felizes os misericordiosos porque encontrarão misericórdia”*. Quem é alcançado pela misericórdia divina não pode, por sua vez, deixar de testemunhar o amor misericordioso para com o próximo. Tal amor é chamado misericordioso precisamente porque é capaz de deixar-se envolver e comover no profundo do próprio coração pela situação do outro; é capaz de colocar-se no lugar do outro e viver profundamente a empatia. Sob este ponto de vista, Jesus de Nazaré traçou de modo concreto o caminho: nós o encontramos, em situações variadas, mostrando-nos o caminho da misericórdia. Basta pensar nas três parábolas da misericórdia (cf Lc 15) onde se pode contemplar o amor apaixonado de Deus pela humanidade: amor que sempre vai em busca dos afastados, dos pecadores, dos extraviados; amor que sabe esperar com paciência e anseia pelo retorno do que está perdido; amor que está sempre disposto a perdoar, a recomeçar a relação; amor sempre fiel não obstante a infidelidade do outro. A ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-53) ou do Filho único da viúva de Nain (Lc 7, 11-17), o relato do bom samaritano (Lc 10, 25-37) são outros entre numerosos exemplos eloquentes que ajudam a colher a concretude da misericórdia vivida na lógica divina. Estes textos põem em relevo a centralidade do perdão, a atenção à presença e à necessidade do outro; a compaixão que se deixa tocar a partir de dentro; a ajuda concreta para responder às necessidades.

Comentando tais episódios, o biblista Cláudio Doglio sintetiza o caminho da misericórdia em três momentos, estreitamente ligados, que interessam a pessoa empenhada na escola de Jesus. Em primeiro lugar, a pessoa misericordiosa

interessa-se pela realidade do outro e compreende suas necessidades. Portanto, vive a atitude da atenção que é capaz de escutar até o silêncio. O segundo passo é deixar-se tocar afetiva e efetivamente pela realidade do outro, isto é, preocupar-se com a pessoa enquanto não houver um consolo, uma melhora da situação. O terceiro elemento da misericórdia vivida comporta a ação concreta que envolve todas as forças pessoais, comunitárias, institucionais, para resolver o problema. Quem segue por este caminho no cotidiano é capaz de articular os momentos indicados num único movimento para Deus e para o próximo (cf C. FMA. art. 38) até fazê-lo tornar-se atitude da pessoa que percebe, que se compadece, ajuda e perdoa o outro, na sua múltipla realidade de marginalizado, enfermo, pecador, faminto, mendigo, migrante, etc. Para alcançar este estilo de vida, que faz da misericórdia uma virtude, ocorre a mediação educativa sobretudo para as gerações jovens.

■ Educar: misericórdia em ato

Antes de adentrar o aspecto educativo com relação à misericórdia, é bom precisar que, mesmo com as devidas diferenças, tudo quanto buscamos na linha do ser vale também para a vida fraterna: viver com os de fora a amabilidade, e não com as irmãs, coloca uma interrogação a respeito e, talvez, seja uma dicotomia a não ser subestimada.

Tentar indicar sinais de educação à misericórdia requer evitar um erro de partida: não formular somente ideias pessoais, mas descer em profundidade para decifrar como Deus educa à misericórdia. Ele é o pedagogo por excelência, o educador e, como afirmava Santo Agostinho, é o Mestre interior, portanto, é o Único que pode mudar a partir de dentro o coração, escolhendo o canal privilegiado do educador, sua mediação. Tal afirmação, porém, requer um constante e empenhativo trabalho sobre si mesmo para comunicar gestos e palavras de misericórdia nas diversas circunstâncias do cotidiano, nos múltiplos encontros, sobretudo com os jovens; por outro lado, é claro que se não formos pessoas reconciliadas conosco mesmas, com a nossa própria história e com o próximo, será muito mais difícil ser misericordiosos com os outros.

Por conseguinte, como indicado acima, podemos prosseguir procurando cuidar das atitudes e suas várias declinações, portanto

não fornecendo apenas atividades ou fórmulas.

A capacidade de olhar para o rosto do outro é prioritária para quem é compassivo, e um educador que ama é capaz de decifrar aquilo que não emerge na superfície; "um coração que vê!" poderia ser o título de uma válida programação, unida ao profissionalismo e às várias competências. Afirmo o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii gaudium*: "Alguns desejariam um Cristo puramente espiritual, sem carne e sem cruz, também quando pretendem relações interpessoais apenas mediadas por aparelhos sofisticados, por telas de televisão e sistemas que podem ser ligados e desligados à vontade. Entretanto, o Evangelho nos convida a sempre correr o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seu sofrimento e seus pedidos, com a sua alegria contagiosa num constante corpo a corpo. A autêntica fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. O Filho de Deus, na sua encarnação, convidou-nos à revolução da ternura" (EG 88).

A época em que vivemos, em sua complexidade, pede-nos para fazermos de modo que tudo quanto anunciamos não seja somente teoria, mas que se faça carne, que se deixe tocar e sentir por meio da capacidade de sermos pessoas de profunda humanidade. Olhando para Jesus, vivendo a sua experiência na própria vida, mediante a espiritualidade que o caracteriza, o educador comunica misericórdia com tudo aquilo que ele é. A misericórdia transparece com a bondade simples de um sorriso, mesmo na ausência de palavras, assim como a alegria abre o coração do outro, contrastando o cinismo e a indiferença, e se tornando proximidade. Ser misericordioso pede, então, para abrir os olhos e ter a audácia humilde de olhar as feridas daqueles que vivem ao nosso lado, dos jovens, deixando-nos provocar pelo seu clamor muitas vezes silencioso, que, todavia, é sempre um pedido de ajuda e, sobretudo, de aproximação. Um educador misericordioso escuta, alguns atos não se justificam, mas não faz moralismo nem se põe com uma atitude de juiz; é importante sublinhar este aspecto porquanto todos, diante da afirmação de um outro, reagimos com uma avaliação ou um juízo, em vez de procurar

compreender em profundidade qual é o exato significado que para o outro tem aquilo que ele expressa.

Declara o pedagogo e psicólogo Carl Rogers: "A tendência a julgar os outros é a maior barreira à comunicação e à compreensão".

Educação e comunicação estão em estreita relação, portanto, o ser misericordioso é veiculado pela própria capacidade de comunicar, sobretudo com uma linguagem não verbal.

O imperativo de Dom Bosco: "Veja de se fazer amar" lembra que somente o amor educa, mas este amor implica paciência ilimitada, capacidade de voltar continuamente sobre os próprios passos, relacionar-se com cada um considerando suas perguntas, e perdendo sempre, com magnanimidade e ternura.

Nunca cansar-se de ser misericordiosos, como Deus, é um desafio que hoje é lançado aos educadores e que, talvez, não nos peça para encontrar respostas unicamente elaborando projetos, mas para acreditar como nunca se acreditou, sempre mais profundamente, no *ponto acessível* presente no outro. Portanto, a força de educar à misericórdia poderia começar a partir de um olhar positivo sobre o jovem, de acreditar que se pode confiar no seu coração. Somente a partir de tal atitude podem nascer as *obras de misericórdia* na educação, as quais podem ser concretizadas mediante a religião, a razão e a amorevolezza, pilares do Sistema Preventivo.

«Cada um de nós deve invocar a Misericórdia de Deus para si mesmo e para todos os homens, porque somos todos pecadores, todos necessitados de perdão e de graça, todos somos chamados à salvação eterna» (Dom Bosco)

■ Misericórdia e solidariedade

Viver a misericórdia é um dos anseios mais profundos que habita nos jovens, e os educadores, além de serem testemunhas com o próprio estilo de vida, satisfazem o desejo deles fazendo obras de misericórdia. Os jovens captam imediatamente a sua atualidade não só em relação às necessidades do nosso tempo,

como a fome no mundo, mas também em sua vida cotidiana. Os gestos concretos que poderíamos sintetizar com o termo “voluntariado”, deveriam ser acompanhados com a leitura da experiência, com uma escuta equivalente a compartilhar perguntas e dúvidas, expectativas e esperanças, para percorrer um caminho juntos feito de paciência e de respeito pelos ritmos de crescimento de cada um, com uma presença que conduza ao Senhor.

O voluntariado, dando a possibilidade de doar-se e ficando em contato com delicadas e particulares situações, inquieta, faz rever os próprios estilos de vida e dispõe aos valores maiores e importantes em comparação com aqueles propostos pela sociedade do consumismo. Muito significativo, além disso, o confronto com a história de vida de tantas pessoas, às vezes também coetâneas, que faz cada um repensar em profundidade, o próprio caminho escutando o coração.

Permitir aos jovens que façam gestos de misericórdia, é falar sobre isso usando uma linguagem que lhes seja compreensível, porquanto eles associam o conceito de misericórdia à solidariedade, ao cuidado dos outros, dos marginalizados, mas também ao conceito de amizade, que inclui a ideia do dom de si, um valor que se vive dentro do grupo, então, a experiência se torna formativa em vários níveis.

«O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo para com o meu pecado» (Papa Francisco).

Depois do ataque de Paris

«Tenho 18 anos e sou católico. Hoje, como toda segunda-feira, depois da escola, fui tomar um café no pátio de um bar. Nada de surpreendente. O café não tinha um sabor diferente em comparação ao da semana passada, o sorriso da garçonete não era diferente e os clientes se sentavam nas mesmas mesas. Como em cada segunda-feira, peguei o jornal quase mecanicamente e vi as manchetes. Mas não reconheço o jornal que costumo folhear toda semana. Há um único título: “Dor e raiva”. Um

homem, lágrimas, dores, raiva, morte, pessoas inocentes, feridas. Não quero ler mais. Coloco o jornal de lado, bebo o meu café e pago. Pela primeira vez neste ano, deixei logo este lugar no qual costumo ler o meu jornal em paz.

O que deverei fazer? Ir para casa como nos pedem as autoridades? Não. Decidi ir a um lugar familiar e precioso para o meu coração. Este lugar é a minha paróquia, a minha segunda casa, a casa do Senhor. Entro... muitas pessoas. O único espaço livre é um genuflexório diante do altar de Santa Rita.

...Vem à minha mente um passo do Evangelho: “Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos e rezai pelos que vos perseguem” (Mt 5, 44). Não rezei pelas vítimas.

....Hoje rezei por vós. Rezei ao Senhor para ajudar-nos a perdoar, para ajudar os franceses a vos perdoar. Rezei pelas famílias das vítimas para que um dia possam perdoar-vos. Pedi ao Senhor para vir ajudar-nos a perdoar.

Rezei à Santíssima Virgem Maria para vos proteger no seu amor, para fazer-vos entender que estamos sobre a terra para amar e não para matar, para fazer-vos compreender que nenhum homem, não importa quem seja, de onde venha, em que acredita, mereça morrer só porque queria divertir-se um pouco com os próprios amigos.

E rezei para não ser o único católico a rezar pelo vosso perdão. Rezei para que possais aprender a aceitar o perdão do outro. Possa o Senhor Jesus Cristo colocar-vos no caminho certo. Possa ensinar-vos o significado do amor e da fraternidade que une todos nós. Não matastes a nossa fé; vós a ressuscitastes».

(cf. <http://it. aleteia.org>)

A coragem do perdão

«Eu, Rosaria Costa, viúva do agente Vito Schifani, batizada no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em nome de todos aqueles que deram a vida pelo Estado, peço antes de tudo que seja feita justiça, agora. Dirigindo-me aos homens da máfia, porque existem aqui dentro, mas certamente não cristãos, saibam que também para vocês há possibilidade de perdão: eu os perdoo, porém vocês devem se colocar de joelhos, se tiverem a coragem de mudar radicalmente os seus projetos mortais. Rezamos no nome do Senhor que disse na cruz: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”».

(Rosaria Schifani: discurso no funeral do marido, assassinado com outros colegas em Palermo, em 25 de maio de 1992)

O coração da evangelização: “render graças”

Mara Borsi

mara@fmals.it

Para melhor compreender o empenho de evangelização hoje é, sem dúvida, significativo parar um pouco sobre três modalidades para pensar e viver a fé.

■ Antes de tudo a lei

É o cristianismo aprendido e vivido por numerosas gerações de cristãos sobretudo em um passado recente. É o cristianismo dos três “é preciso” que destacaram os catecismos clássicos: a verdade que é preciso crer, os mandamentos que é preciso observar, os sacramentos que é preciso receber.

A vida cristã é como uma ordem a ser seguida, um imperativo a ser honrado, uma observância a ser respeitada. Em síntese: uma forma de obediência a Deus e à Igreja. Este cristianismo educou e harmonizou a consciência de numerosas gerações. Muitos encontraram nele um guia e o reconheceram não só como um dever, mas como um ideal de vida empenhativo a ser vivido com fidelidade.

Todavia somos conscientes de que este cristianismo de observância gerou também muitas consciências infelizes, fechadas na imagem de um Deus Juiz, apesar da Boa Nova do Evangelho. Este cristianismo da Lei, mesmo tendo perdido o seu vigor continua sempre presente e, em certas circunstâncias, refloresce. Percebamos, sobretudo, que ele continua a estar bem presente na memória profunda daqueles que se afastaram da experiência cristã, experimentada como sufocante. Pessoas que conservam, portanto, uma lembrança amarga. Para os nossos contemporâneos, em particular para os jovens, este cristianismo da lei apresenta-se pouco apropriado para suscitar o gosto, o desejo, a alegria de ser cristãos.

■ O cristianismo da ação e do empenho

É o cristianismo daqueles que encontraram na mensagem cristã, não um

dever a ser cumprido, mas um apelo para, livremente, empenhar-se no mundo para torná-lo melhor, testemunhando o poder de libertação do Evangelho. É o cristianismo dos movimentos, das organizações caritativas, das comunidades de base que, em nome do Evangelho, assumem decididamente o encargo das causas humanitárias e os desafios sociopolíticos, com um espírito de serviço voltado, principalmente, para os mais pobres. É este um cristianismo de ação e de empenho, que visa tornar presentes, na medida do possível e desde agora, as promessas do Reino com a esperança de que se cumpram definitivamente no final dos tempos. Este empenho por um mundo melhor é constitutivo da vida cristã e da missão de evangelização.

O que seria, na verdade, o testemunho do Evangelho se não se encarnasse numa obra de transformação do mundo?

■ O cristianismo da gratuidade alegre

Nesta perspectiva, ser cristão não é antes de tudo assumir um dever, mas em cada circunstância e sem condições receber um dom gratuitamente oferecido. O anúncio evangélico diz, realmente, que nos é dada uma relação de “amor” com Deus e que somos convidados a vivê-la e a difundi-la em todas as relações humanas.

Jesus nos convida a reconhecer no mais íntimo de nós mesmos o dom do amor de Deus, uma realidade que, em cada circunstância, apesar das nossas deficiências, nos mantém em pé, nos guarda, nos levanta. É este amor que o Evangelho de Jesus Cristo anuncia, para a nossa alegria. Não podemos apagar o amor que Deus tem

por nós: «Nada poderá separar-nos do amor de Deus, em Cristo Jesus, Nosso Senhor (Rom 8, 39). É esta a mensagem fundamental, o verdadeiro coração de cada evangelização.

Se este é o amor de Deus por nós, viver como cristãos consiste antes de tudo em “render graças”, em considerar-se sob o olhar amoroso de Deus e em deixar florescer em nós a nossa condição de filhos e filhas de Deus. Reconhecer-se amados, incondicionalmente, dá asas à vida. Dilata a existência. Assim, por graça de Deus, somos conduzidos para as mais altas aspirações às quais não podemos tender por nós mesmos. “Render graças” faz da vida cristã, não um ponto de observância temerosa, mas uma sabedoria, uma arte de viver.

O *cristianismo da gratuidade alegre* inclui as duas dimensões a da lei e a da promessa, mas numa nova perspectiva. Realmente, o amor toca as pessoas no íntimo, não as afasta do empenho, da ação pela transformação do mundo. Viver na gratuidade alegre significa então empenhar-se com uma crescente determinação no dever de estabelecer, por quanto possível, as condições sociais que correspondam à dignidade e à vocação de eternidade de todos os seres humanos, sobretudo lá onde as condições são mais precárias. Quanto à lei, ela é tomada não mais numa perspectiva temerosa de observância, mas como princípio de vida, a serviço da dignidade humana. Lei não mais vivida como uma ordem a ser observada, mas como o fruto de uma história de salvação, de uma aliança sem domínio, de uma livre escritura sempre em curso da pessoa com Deus. Uma das questões mais importantes a ser enfrentada hoje na evangelização é tornar o cristianismo

não apenas compreensível, mas, muito mais ainda, bom para a própria vida.

Mons. Oscar Romero, *discurso por ocasião da entrega da Láurea Honoris Causa, conferida a ele pela Universidade de Louvânia. Em 2/2/1980.*
[HTTP://www.sicsal.it/padri/romero3.htm](http://www.sicsal.it/padri/romero3.htm)

Beato Oscar Arnulfo Romero y Galdámez

Nasceu na Cidade Barrios, em 15 de agosto de 1917; faleceu em San Salvador, no dia 24 de março de 1980). Foi arcebispo de San Salvador, capital de El Salvador.

Por causa do seu empenho em denunciar as violências da ditadura do seu País foi morto com uma bala de fuzil disparada por um atirador, enquanto ele estava celebrando a Santa Missa.

«É uma novidade, no nosso povo, que os pobres vejam hoje na Igreja uma fonte de esperança e um apoio dado à sua nobre luta pela libertação. A esperança que a Igreja sustenta não é ingênua nem passiva. A esperança que pregamos aos pobres é para que lhe seja restituída a dignidade, é para lhe dar a coragem de serem, eles mesmos, os autores do seu destino. Em uma palavra, a Igreja não só é voltada para o pobre, mas faz dele o destinatário privilegiado da própria missão. A Igreja não só se encarnou no mundo dos pobres, dando-lhes uma esperança, mas empenhou-se firmemente na sua defesa... Existem entre nós muitos que vendem o justo por dinheiro e o pobre por um par de sadálias (Am 2,6); quantos acumulam violência e rapina nos seus palácios (Am 3,10); quantos esmagam os pobres (Am 4,1); quantos apressam o domínio da violência, encontrando-se em camas de marfim (Am 6, 3-4); quantos acrescentam casa a casa e unem campo a campo, até ocupar todo o espaço e ficar sozinho no lugar (Is 5, 8).

Estes textos dos profetas Amós e Isaías não são vozes distantes, de muitos séculos atrás, não são apenas textos que lemos com reverência na liturgia. São realidades cotidianas, cuja crueldade e intensidade experimentamos a cada dia».

EM BUSCA *Horizonte Família*

O tempo de decidir a própria vida

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese

danesedinicola@prospettivapersona.it

É particularmente difícil fazer escolhas definitivas que empenhem por toda a vida e hoje o é ainda mais, em um mundo pós-moderno, que requer uma forte mobilidade geográfica e de trabalho, com deslocamentos que abrem os horizontes e juntos se erradicam do próprio ambiente, impõem-se adaptar-se a novas situações e às vezes ‘reciclar-se’ devido a falências, demissões, crises econômicas... Em tal extrema “liquidez”, mais que tomar decisões empenhativas, preferem-se escolhas de curto alcance, que se podem retrair, que sejam renegociáveis e que permitam à ocorrência, uma “saída de segurança”.

A vida acontece no tempo e marca um limite para cada um. Se não se quer arrastá-la passivamente e encontrar-se no final com as mãos na mão, é preciso ter a coragem de gastar-se por alguma coisa que valha a pena, entrando inteiramente no jogo, sem tergiversar, sem perder-se entre um projeto e outro, sem atrasar indefinidamente. Além disso, cada pessoa, mesmo com a consciência de ser frágil e exposta ao arbítrio do acaso, é capaz de colher no íntimo de si mesma e nas indicações das circunstâncias e dos acontecimentos aquilo que ajuda a escolher, aquilo que reconhece adequado para si. Avaliar a própria capacidade e a do parceiro, verificar se existem os pressupostos para uma união estável, pode levar algum tempo, mas num determinado momento, é preciso aceitar os riscos relativos a cada escolha.

Para aprofundar: Z. Bauman, *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos liames afetivos*, tr. it S. Minucci, Laterza, Bari 2006.
I. Silone, *Saída de segurança*, Vallecchi, Firenze 1965, cf G.P. Di Nicola – A. Danese, Ignazio Silone. *Percursos de uma consciência inquieta*, Effatà Cantalupa 2010.

Não se pode decidir por procuração, colocar nos ombros dos outros o peso das

próprias responsabilidades: casar-se é arriscar em primeira pessoa, jogar com a própria vida, tomar a coragem de uma decisão pessoal, livre e responsável, e assumir seus encargos e suas honras.

Cada escolha importante – e em particular o matrimônio – tem uma alta taxa de imprevisibilidade: o outro pode prometer amar, fidelidade, aproximação, mas não pode assegurar que não ficará doente, que não será impedido pelo destino, que não morrerá ainda jovem... Muitas coisas não dependem dos seres humanos. No entanto os esposos acreditam que aquele tu tem um valor tal que merece que se enfrentem todos os riscos.

As escolhas importantes, no fundo, são feitas sem muito cálculo e sozinhos, mesmo quando se tem a felicidade de ter um círculo de amigos confiáveis e alguma pessoa adulta capaz de dar bons conselhos.

■ A vida é constelada de pequenas escolhas cotidianas

Há algumas escolhas que envolvem todo o ser pessoal, canalizando as energias para um objetivo principal: uma determinada profissão, uma criação artística, o afeto por uma pessoa à qual dedicar-se totalmente ou o próprio Deus, na escolha religiosa. Nós as chamamos “vocações”, porque a pessoa responde a um chamado interior e orienta todos os seus talentos, o melhor de si para uma direção principal (arte, religião, esporte...).

Uma tal concentração não tolera dispersões quando se quer alcançar resultados satisfatórios.

O matrimônio implica reimpostar a própria vida junto com outra pessoa, mesmo se – por quanto seja amada – já se sabe que será limitada, sujeita ao envelhecimento e à morte. No sacrário mais íntimo da própria consciência, cada pessoa tem o direito e o dever de decidir-se. Se não tomar uma decisão ficará incerta, eterna adolescente, e outras ou outra escolherá no seu lugar. Terá poupado a si mesma e talvez concordará com o ditado popular: “é melhor um coração partido do que um coração intacto porque não amou”.

Casando-se, o homem e a mulher fazem seguir à declaração de amor o dom maior que um ser humano possa fazer a

outro: os dias que virão, os talentos, o corpo, os afetos, a inteligência, os bens, a própria vida. Fazem isto com amor e não se detêm muito naquilo que precisarão eventualmente deixar: os bens, a família, os programas, o tempo livre, o próprio modo de viver e pensar. A expressão “te amo”, pronunciada seriamente, implica tudo isso, é linguagem expressiva e performativa, porque realiza aquilo que diz, prometendo solenemente dar seguimento ao amor que proclama. Geralmente quando se faz este dom não se está plenamente consciente, nem se prevê o que poderá acontecer, mas isto parece secundário, sob o efeito de uma paixão envolvente que torna pequeno o sacrifício e amplia a gratificação. A paixão e a cumplicidade se transformam em aliança recíproca se ambos declaram disponibilidade total, cortando as pontes com o passado e carregando de esperança o futuro.

Uma pessoa é digna de estima se sabe manter uma promessa: quem dá a si mesmo a um outro porque está enamorado, promete fidelidade nos dias que virão. É bom levar em conta que, talvez com o tempo, poderá encontrar alguém mais atraente, mais convincente, mais jovem, mais próximo aos próprios interesses... O matrimônio, todavia, promete fidelidade e, graças a ela, permite a própria felicidade e a do outro.

«Sim, o Eros quer elevar-nos ‘em êxtase’ para o Divino, conduzir-nos para além de nós mesmos, mas precisamente por isso requer um caminho de ascese, de renúncias, de purificação e de cura» (Bento XVI, Deus caritas est, n. 5)

■ O amor é êxtase

De fato, o amor toma pela mão com doçura o enamorado e o conduz a sair de si, a renegar o próprio eu, a aprender a arte de amar sem sobrecarregar-se nem sobrecarregar o outro com fardos insuportáveis. O matrimônio não seria desejável se dois jovens se declarassem enamorados, mas quisessem conservar os próprios bens, o apego aos pais, aos hábitos de vida, à própria identidade, a um certo estilo de vida de solteiro.

Existe restrição na escolha de amar uma só pessoa, com relação às infinitas possibilidades de encontros que a vida, especialmente a vida contemporânea, oferece? Indiretamente, respondeu muito bem Simone Weil, tratando o tema da amizade e fazendo o paralelo com o processo de abstração da geometria: «A amizade consiste em amar um ser humano como se desejaria poder amar em particular cada um daqueles que compõem a espécie humana. Como um geômetra olha uma figura particular para deduzir as propriedades universais do triângulo, do mesmo modo, aquele que sabe amar dirige a um ser humano particular um amor universal».

O amor não segue lógicas quantitativas: podem-se apertar muitas mãos e não saber apertar verdadeiramente uma, beijar muitos amigos e ficar insensível aos seus problemas. Ao contrário, quanto mais se aprende a amar de verdade, e em profundidade uma só pessoa, melhor se dirige a cada ser humano.

Os esposos sabem que não se pode decidir com leviandade amar uma só pessoa totalmente (para os crentes, “como Deus a amaria”). Para alcançar este objetivo ocorre autocontrole, deve-se talvez cortar pela raiz, certas amizades promissoras, mas enganosas com relação à unidade conjugal. Trata-se de um limite e de um recurso inerentes à específica vocação conjugal. Escreveu muito bem Michel Pochet, a propósito de qualquer escolha vocacional: «Parece-me que há duas dimensões do amor que atraem profundamente, também de modo inconsciente, cada pessoa. O amor “absoluto” e o amor “universal”. Deus é capaz de um amor absoluto, isto é, de amar cada pessoa como se fosse a única. Mas faz isso ao mesmo tempo com todos. O seu amor é em sentido pleno, um amor contemporaneamente absoluto e universal.

De um lado um amor absoluto, a possibilidade de amar de todo coração, com toda a mente, todas as forças, para sempre, fielmente, um homem ou uma mulher no matrimônio... Porém, o coração humano traz em si também o desejo de ser todas as coisas, de ter tudo dentro, de amar a todos... caso contrário

não seria um amor verdadeiramente universal... A pessoa que sente esta dupla tensão pode entrar numa crise muito grave, porque percebe que não é possível viver as duas contemporaneamente... Os seres humanos se sentem chamados preferencialmente a uma ou a outra estrada... É uma perda para uns e para outros, porque quereríamos amar a todos de modo absoluto, mas não é possível.

Cada qual deve entender qual é o seu chamado principal, entre estas duas possibilidades».

S. Weil, *Attente de Dieu*, La Colombe, Paris 1949, Préface de J. M. Perrin, Fayard Paris 1966, 205.
E. Cambon, *Virgindade e beleza*, entrevista da Michel Pochet, em «Gen's, 4/5 (1966), pp. 115-119.

EM BUSCA *A sua imagem*

A ideologia de gênero na escola

Paolo Ondarsa

paolo.ondarsa@gmail.com

“Na luta pela família está em jogo o próprio homem, imagem de Deus”. Bento XVI reconhecia assim o urgente desafio posto pela ideologia de gênero, uma ideologia que, escrevia, arrisca “deformar o rosto do humano”.

■ Qual é a questão?

Não é por acaso se no 12 de fevereiro passado, em Cuba, entre as preocupações comuns no centro do primeiro encontro, depois do Grande Cisma do Oriente, entre o Papa Francisco e o Patriarca de Mosca Kiril, estava a preocupação pela “crise da família”. “Lamentamos – lê-se na declaração conjunta – que outras formas de convivência já estejam postas no mesmo nível do matrimônio”. Se em nível cultural, social e político no Ocidente é relevante a insistência com que a mensagem gay friendly vem sendo proposta e escassa a visibilidade dada a manifestações de pensamento sinalizando o contrário, pode constituir um rico estímulo à reflexão o convite que o Santo Padre faz para reagir ao pensamento único e às tentativas de “colonização ideológica”. Está em causa a ecologia humana: a “destruição, não de uma concepção filosófica, mas do homem que, criado à imagem de Deus – escrevia Bento XVI – decide autoemancipar-se da ordem natural da criação. “As florestas tropicais – explicava

– merecem a nossa proteção, mas o homem como criatura não é menos merecedor dela”.

Retomando as considerações do seu predecessor, na Encíclica *Laudato Si'*, Bergoglio insiste na necessidade de valorizar a “lei moral inscrita na natureza humana”, premissa para a tutela de um ambiente mais digno. “A aceitação do corpo como dom de Deus, na sua feminilidade ou masculinidade, é necessária – escreve o Papa – para acolher o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum. Portanto, não é sadia uma atitude que pretenda “cancelar” a diferença sexual porque não sabe mais confrontar-se com ela”. É esta uma recomendação importante de modo especial para os educadores que hoje se encontram precisando responder às provocações de uma nova visão antropológica, segundo a qual o sexo não é um dado originário da natureza que o homem deve aceitar e dar pleno significado, mas um papel social para o qual se decide autonomamente. Falamos sobre este assunto com Elvira Lozupone, docente de Pedagogia social na Universidade de Roma Tor Vergata:

Professora, quais desafios a ideologia de gênero põe à educação?

Hoje, contrastando o *bullismo* homofóbico tenta-se passar o conceito de que as atitudes de gênero tipicamente masculinas ou

femininas são estereótipos, resultado de pressões culturais e como tais devem ser abatidos, começando pela escola”.

De que modo?

“Por exemplo, não dando importância ao fato de que uma menina tenha o desejo de vestir-se como menina. Um dos pilares de tal teoria é o *“gender creative child: é a criança que escolhe, segundo a fantasia do momento, se é menino ou menina”*”.

Há muitos pais, também na Itália, que denunciaram a introdução na escola de cursos com a finalidade de promover o indiferentismo sexual. É correto?

Sim. Uma denúncia recente refere-se a uma creche de Fonte Nova, em Roma. No carnaval foi pedido às crianças de levarem roupa masculina ou feminina. Na escola os professores convidaram as meninas a vestirem roupa masculina e viceversa. Naquele momento um menino começou a chorar desesperado, impedindo o prosseguimento do experimento. Do meu ponto de vista este tipo de provocação não é correto”.

Por que?

“Tudo aquilo que na educação é manipulação, não é bom. Se uma menina quer vestir-se como chefe de índios não é um problema, porque aquele disfarce nasce de sua fantasia: é um momento de passagem no seu desenvolvimento, não é determinante de nenhum modo. É preciso favorecer as propostas das crianças numa ótica de um saudável *puerocentrismo*. O carnaval é um momento em que vivem a dimensão do fantástico: esta lhes foi negada para favorecer teorias ideológicas sem fundamento científico”.

Na luta contra o ‘bullismo’ a escola está atrasada?

Devemos estar todos mais atentos na luta contra toda discriminação, ‘bullismo’ ou preconceito. Foi dito, porém, que a escola italiana sempre agiu com crescente empenho nesta justa batalha: assim está fazendo em favor da questão intercultural, da cultura do respeito a todos, como também da inclusão das crianças deficientes.

De onde nascem as “diretrizes de gênero” na escola?

É preciso referir-se às conferências da ONU no Cairo e em Pequim que na metade

dos anos Noventa introduziram o discurso sobre a ideologia de gênero *mainstreaming*, uma estratégia política invasiva que adotava a perspectiva de gênero em todas as perspectivas sociais: no trabalho, na política e na escola. Dali se seguiram as elaborações de políticas sanitárias como as linhas guias do Oms Europa que encorajam a masturbação infantil precoce em crianças de 0 a 4 anos. Na Itália a estratégia europeia foi colocada em ato, de modo indevido, pelo Unar, o Ofício Nacional antidiscriminação racial.

De modo indevido, por que?

Verificou-se alguma coisa de muito anômalo na escola italiana: faltou o pluralismo e foram envolvidas apenas associações Lgbt. Porém, devemos também nós, assumir a responsabilidade: os católicos assumiram com superficialidade, nos anos passados, o discurso sobre a educação emotivo-afetiva na escola, apesar das muitas solicitações dos últimos Papas.

E agora? é muito tarde?

Não é tarde, e olhar para trás não é útil. O mérito das associações de pais que denunciaram a ideologia de gênero na escola foi fazer presente ao Ministério da Instrução que, se se quer propor a educação à afetividade na escola é necessário garantir um pluralismo. É preciso encarregar associações confiáveis de profissionais, acadêmicos, pais.

Em oposição a quem denuncia o alarme da ideologia de gênero na escola em vários países da Europa, está quem nega a existência de programas didáticos inspirados nesta ideologia e declara: é preciso distinguir entre ideologia de gênero e estudos sobre o gênero. E você, como pensa?

“A ideologia de gênero é uma galaxia articulada que tem também ideias muito interessantes. Eu mesma fiz estudos sobre o gênero. Neles entram os aprofundamentos filosóficos sobre o modo como a mulher percebe o mundo. Esta é uma linha muito profícua porque levou a uma valorização do feminino na vida, no mundo corporativo, e a interrogar-se sobre soluções que conciliam a família e o trabalho. O problema é que nesta galaxia entram também os estudos de Judith Butler segundo a qual é preciso derrubar o conceito de heterossexualidade, em favor do

mundo que nós chamamos ideologia de gênero, mas que precisaria definir mais corretamente o *queer*, ou o extravagante, o bizarro, o indiferentismo sexual. A ideologia de gênero existe, mas seria mais correto chamá-la Queer.

Por que falando do Queer há quem denuncie a criação de uma linguagem fluida, neutra, de contornos semânticos indefinidos utilizada pelos sustentadores da causa Lgbt. Em que sentido?

A primeira tentativa foi a de uma linguagem escrita que colocava os asteriscos no lugar das desinências “a” e “o” que conotam o masculino e o feminino. Nas escolas elementares de alguns países do norte da Europa evitou-se até mesmo usar os pronomes masculinos e femininos em favor do neutro. Hoje percebemos que existe uma estratégia, se quisermos aprofundar, que é aquela teorizada no texto “After the ball” escrito em 1989 por um psicólogo gay e por um especialista em técnicas propagandistas de persuasão. Este texto convidava a deslocar a atenção pública do juízo moral sobre atos homossexuais à necessidade de tornar aceitáveis os gays e as suas instâncias. Nasce daqui o conceito indefinido de homofobia: hoje arrisca-se incorrer nesta acusação pelo único fato de sustentar que a família é apenas aquela fundada na união entre um homem e uma mulher.

Qual é a importância de apelar para a razão, antes mesmo que à fé, como foi sugerido pelo papa emérito Bento XVI ao responder ao desafio da ideologia de gênero?

É fundamental. Bastaria levar em consideração a produção científica da psicologia do último século e meio que, em vez, está tentando se remover com um golpe de esponja, para ver a inconsistência da tentativa do Queer: uma tentativa política, à moda. O discurso da fé é fundamental, mas podemos considerá-lo residual no contraste argumentativo da ideologia de gênero.

Está dizendo que a fé é uma confirmação da ciência?

Absolutamente sim. Existe uma força da racionalidade que vem antes da fé. Temos 150 anos de psicologia que falam do papel do pai e da mãe. Infelizmente por causa das experiências não científicas em curso, hoje, sobre o homem no futuro, veremos em toda a sua dramaticidade o que quer dizer não levar em conta a autoridade de tantos estudos científicos.

Não, portanto, ao alarmismo. É possível enfrentar o desafio lucidamente?

O jogo está absolutamente aberto. Estes ensaios deixarão feridos no campo, mas não existe nada já escrito nesta história.

EM BUSCA *Focus*

Com olhos de criança

Ir. Runita G. Borja FMA

runita@gfma.org

“Todas as coisas luminosas e belas” é o título da primeira poesia que aprendi de cor, e é também uma canção. Cada verso fala das criaturas de Deus, e tem um ritmo forte, dinâmico, como o suceder-se das imagens de uma sequência cênica em um filme. Cada palavra lembra o mundo, o meu mundo de menina, onde vivo e faço parte de um cenário que encanta: a flor que se abre... o passarinho que canta... as montanhas lilás... o rio que corre... o cair da tarde e a alvorada, que se alternam... o vento frio no inverno... o agradável sol de verão... os frutos maduros no pomar...

Cada verso termina com o mesmo refrão: “Todas as coisas luminosas e belas. Todas as criaturas grandes e pequenas, todas as coisas sábias e maravilhosas, Deus as criou”.

Trago na memória esta poesia, mas alguma coisa mudou em mim. Repetir as frases hoje é como ler uma notícia de crônica. Não me faz mais brilhar os olhos, nem entrar num mundo mágico e maravilhoso. Não sei nem mesmo quando me lembrei dela pela última vez. Não brota mais em mim aquela imaginação que surgia depois de cada palavra. “Tornei-me grande”, e ao longo do caminho fui perdendo os olhos puros da minha infância, capazes de maravilhar-se.

O problema não é tornar-se grande, mas lembrar” (“O Pequeno Príncipe” de Antoine De Saint-Exupéry).

■ Os nossos desertos

A nossa vida é frenética, sempre correndo de um lado para o outro, é feita de presença simultânea, de multitasking, de dependência da mídia tecnológica. Parece que não queremos ter momentos vazios, que temos medo do silêncio e do “não fazer”. Lembro uma experiência com um grupo de jovens. Tínhamos deixado a cidade para passar o verão na montanha. Ao longo da viagem de trem os jovens estavam todos presos aos seus celulares, e nem mesmo olhavam fora pela janela, não percebendo a beleza das paisagens, nem conversavam entre eles. Estávamos ali juntos, mas cada um estava com sua atenção concentrada no celular. No meu coração sentia um pouco de tristeza. Perdeu-se aquela atitude de que fala o primeiro livro da Bíblia: o *maravilhar-se*, a capacidade de estar diante de outra pessoa e perceber a sua presença.

“Deus viu que tudo o que havia feito era bom” (Gn 1, 31)

O Papa Francisco fala de “desertos interiores”. Pensamos em preencher o vazio apegando-nos e apoderando-nos das coisas. Além disso, sentimo-nos totalmente esmagados por tantas necessidades e impotentes para satisfazer todas elas, e assim se passa de uma necessidade para a outra, e depois para outra e para outra

ainda... Nunca estamos saciados de perseguir as coisas, somos condicionados pela quantidade de publicidades que sempre, mas sutilmente quer vender-nos coisas e as faz parecerem essenciais e indispensáveis.

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.

■ Lembrar

Há pouco tempo vi o filme “*O pequeno Príncipe*” de Mark Osborne. É interessante porque é a continuação do livro de Antoine de Saint-Exupéry e ao mesmo tempo representa uma crítica aos nossos valores, àquilo que a nossa sociedade apresenta como o essencial da vida: essencial é ter dinheiro, essencial é ser dono. O essencial é a eficiência, fazer tudo segundo um programa e não deixar nada ao acaso.

No filme o protagonista, o Pequeno Príncipe, cresce e se torna “como todos os outros adultos”, quase hipnotizado por aquilo que a sociedade lhe ensinou como essencial. Está de fato desanimado, porque parece-lhe ser capaz de chegar àquela eficiência solicitada pelo mundo e a cumprir bem os seus deveres. Com a ajuda da menina, o Pequeno Príncipe, por meio de uma série de aventuras, consegue lembrar-se daquilo que é realmente essencial: o amor, a ligação com o outro, o ser responsável um do outro.

Para chegar a este essencial, é importante “lembrar”. Lembrar não é apenas fazer simplesmente memória de um passado. Lembrar é fazer memória com o coração. *Lembrar é ver e perceber o outro com os olhos do coração.* A raposa deixa este segredo ao Pequeno Príncipe. Diante do outro – pessoa ou coisa – que pensamento me vem logo? Um juízo de valor? Uma avaliação da sua utilidade? Incredulidade? Inveja? São sentimentos que mostram como a nossa atenção não está no outro. A pergunta espontânea diante de uma pessoa parece que começa sempre com “o quê”, em vez de “por quê”, como perguntam sempre as crianças. Na medida em que vamos crescendo, o espaço para o mistério em

nossa vida torna-se menor e queremos transformar tudo em uma “coisa” que possamos entender. A sociedade nos ensinou a sermos pessoas centradas em nós mesmas. O relativismo crescente é a manifestação do não querer nenhuma referência além de nós mesmos. O culto da arrogância se mascara por trás da necessidade de autorrealização. O pragmatismo emergente roubou a capacidade de gozar sem querer dominar ou se tornar dono. A questão preocupante é que esta atitude é considerada progresso e crescimento. Tudo é categorizado, tudo tem o seu valor. Não se quer deixar nada ao acaso. Fazemos esforço para receber um presente, porque não acreditamos que uma pessoa possa dar alguma coisa gratuitamente. Neste sentido, mesmo inconscientemente, arriscamos dar esperando ser retribuídos, ou acumular para não encontrar-nos em necessidade, esquecendo uma das leis principais da vida: tudo passa!

■ Estupor e gratidão

Acredito que o dever principal da educação de hoje seja recuperar a capacidade de maravilhar-se e de se pôr diante do outro acolhendo-o pelo dom que

ele é; do outro que me interpela, com quem posso estabelecer um diálogo; do outro que traz consigo um mistério a ser acolhido e a ser desfrutado sem querer dominar; do outro que me revela o grande Mistério de um Deus, origem e sustentáculo de tudo.

O ensinamento de Jesus: “se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus” (Mt, 18,3)

Colocar-nos diante da criação pode nos ensinar que não podemos ter tudo sob controle. Existem leis naturais, mas existem outros fatores que podem mudar o binômio criação e criatura. A criação nos ensina que não somos nós o centro do Universo, mas temos a possibilidade de mudar a história.

Com olhos capazes de maravilhar-nos descobriremos que é verdadeiro o ditado: “as coisas mais belas do mundo são grátis”, porque finalmente nos libertamos do consumismo e da mania de possuir. E aprenderemos enquanto é tempo a abrir as mãos para receber e enquanto é tempo para sermos livres. Procuremos recuperar o olhar das crianças, onde há alegria, esperança e confiança.

A voz dos jovens

Os jovens no Timor Leste

Maria Rita di Leo

mrdileo@gmail.com

«O ramo hoteleiro nos apaixonou; por isso nós o escolhemos». A hotelaria é uma das áreas de possível desenvolvimento aqui no Timor Leste. A ilha é muito bonita, especialmente a costa, porém, é necessário que o governo saiba incrementar as infraestruturas para torná-las sempre mais capazes de acolher os turistas, o que permitiria a muitos jovens encontrar um trabalho e não emigrar para outras terras»

O Timor Leste não oferece grandes possibilidades de inserção no mundo do trabalho e muitos são os jovens que se contentam com qualquer trabalho; alguns deles tendo terminado os estudos do Ensino Médio ou Universitários, são obrigados a emigrar desejosos de ganhar dinheiro. É o próprio governo que muitas vezes os ajuda por meio das relações internacionais com países, como o Japão, a Coreia e a Austrália.

Um jovem em Timor Leste precisa fazer grandes sacrifícios para poder continuar os estudos; alguns são obrigados a encontrar empregos temporários para poder manter-se. Existe apenas uma Universidade estatal que é muito seletiva, á qual eles têm acesso por concurso e nem sempre são os jovens melhores que conseguem frequentá-la. Os jovens que não conseguem ter acesso à Universidade, para continuar os seus estudos, são obrigados a escolher os Institutos particulares, que são muito caros, com uma inscrição anual no valor de 560 dólares. O governo oferece bolsas de estudo àqueles que têm bons resultados escolares, mas isto não basta. No Timor Leste há muitos jovens e crianças e o governo deveria dar uma maior atenção a eles, que são o futuro da Nação. Urge uma Nação investindo muito mais na educação e na saúde.

■ Estudo e trabalho

«Eu sou Maria Joaquina D. C. Freitas, tenho 25 anos, vivo em Dili, capital do Timor Leste, frequento o ramo *hoteleria* do Dili *Institute of Technology*, estou no último ano do curso, estou acabando de fazer a minha tese. Frequentei a escola técnica-profissional das Filhas de Maria Auxiliadora, em Venilale, como interna, graças a uma bolsa de estudo oferecida por alguns benfeitores.

Não foi simples ingressar na Universidade depois de ter concluído o Ensino Médio, porque a minha família, muito pobre e numerosa (éramos 10 filhos, dos quais três morreram), não podia manter os meus estudos.

Tendo conseguido o diploma aos 19 anos, as Irmãs me propuseram fazer uma experiência no centro de Formação “João Paulo II”, em Dili, no setor de produção corte e costura. Esta experiência permitiu-me crescer profissional, humana e espiritualmente.

Trabalhei por três anos, antes de poder inscrever-me no curso Universitário; o trabalho permitiu-me guardar um dinheiro com o qual em seguida paguei os meus primeiros anos de estudo. Foi muito difícil, mas voltei a estudar depois de anos de pausa. Graças a esta oportunidade de trabalho, às economias, aos grandes sacrifícios que a minha família fez e faz até hoje, a alguns benfeitores que continuam a ajudar-me com uma bolsa de estudo, a pequenos trabalhos esporádicos e ocasionais, como também à venda de frango frito pelas estradas de Dilli, cheguei finalmente ao objetivo final. Com a conclusão da tese consegui o título tão esperado».

■ Sentir-se em casa

«Eu sou Hermínia de Sousa Ximenes, tenho 26 anos, moro com as Filhas de Maria Auxiliadora desde os 2 anos de idade: afetada por TBC precisei afastar-me da minha família. As Irmãs Salesianas de Venilale acolheram-me no orfanato e assumiram completamente o cuidado da minha educação e da minha saúde. Eu pesava, então, apenas poucos quilos e estava muito doente. Tudo o que sou, aprendi com as Irmãs, que me permitiram viver uma forte experiência de família além de terem me salvado a vida.

Desde pequena pude ter acesso aos estudos básicos e sucessivamente à escola técnica-profissional, S. M. Mazzarello, em Venilale, onde frequentei o ramo *hoteleria*. Aos 19 anos comecei a trabalhar no centro de formação “*João Paulo II*”: somos quatro filhos e na família havia necessidade também da minha ajuda econômica, além disso, queria fazer uma experiência de trabalho.

«Como Dom Bosco, também nós, temos um “Sonho”: permanecer em nossa terra e promover nela o desenvolvimento».

Após 7 anos as Irmãs me propuseram inscrever-me no ramo *hoteleria* do *Dili Institute of Technology*, para servirmos no setor dos docentes/educadores. Fizemos então um acordo que consiste numa mútua troca de colaboração: elas me ajudam nos estudos, oferecem-me refeição diária e alojamento e eu, no tempo livre, presto serviço no seu centro. Depois de conseguir o

título assinarei com elas um contrato de trabalho pelo menos por três anos, como educadora, de modo a garantir profissionalismo e colaboração na preparação dos jovens que vêm ao centro para a aprendizagem».

AS FMA NO TIMOR LESTE

As Filhas de Maria Auxiliadora chegaram ao Timor Leste em 1988, em Venilale e assumiram um orfanato que era gerido pelos Salesianos. As comunidades são duas e fazem parte da Inspetoria “S. Maria Domingas Mazzarello” (TIN), que inclui também a Indonésia.

São quatro as comunidades em Dili, duas em Venilale, uma em Baucau, Laga e Fuiloro, uma em Maliana Kailaku.

Elas têm obras próprias, além de serviços de colaboração com algumas dioceses no campo da educação católica e da pastoral juvenil.

As principais atividades que desenvolvem as Filhas de Maria Auxiliadora são: aulas na escola materna e elementar, média e superior, formação profissional, cursos promocionais, oratórios de periferia, internato, residência para jovens trabalhadoras, catequese paroquial.

Habitar a cidade

Construir pontes

Anna Rita Cristaino

annarita.cristaino@gmail.com

«Difunde-se sempre mais uma cultura do encontro, capaz de fazer cair todos os muros que ainda dividem o mundo; onde há um muro há fechamento de coração: servem pontes, não muros». O Papa Francisco manifestou sua esperança de que a humanidade possa superar as fronteiras da inimizade e da indiferença para construir pontes de compreensão e de diálogo, para fazer do mundo inteiro uma família de povos reconciliados entre si, fraternos, solidários.

As nossas cidades, nas diversas partes do mundo, são ricas de pontes construídas sobre os rios, sobre as estradas, sobre as autoestradas. Através delas pode-se relatar muito de cada território, e descobrir o que se quis ligar e o que se deixou isolado. As pontes sempre têm facilitado os caminhos de acesso a territórios que, sem elas, ficariam isolados ou separados por barreiras naturais.

A metáfora *construir pontes* é usada precisamente para indicar a beleza de criar liames fortes entre as pessoas, liames significativos entre o evangelho e a história, liames dos quais nós somos artífices e idealizadores necessários.

Escolher construir pontes e não muros, não basta, é necessário atravessar as pontes com a vontade de quem quer encontrar o outro por aquilo que é e representa.

Quantas pontes já atravessamos em nossa vida? Algumas percorremos de carro, outras nos serviram para admirar o panorama, outras simbólicas, outras verdadeiras obras de arte. Eu guardo três delas no coração.

■ A ponte com as nossas raízes

A primeira é aquela que liga a estação ferroviária da minha região à estrada que leva à casa dos meus pais. É uma ponte velha e não é bonita; parece o prolongamento da estrada e, percorrendo-a de carro, depois de alguns metros, à direita e à esquerda, abre-se um panorama bellissimo. Atravessa um pequeno desfiladeiro da montanha, onde corre um rio que, naquele trecho, mostra-se cheio de vida. Para mim é a ponte da escolha, do ir e do vir. É a ponte que me remete às origens, à casa da minha família, e me relaciona com a minha infância. *É a ponte dos liames familiares que não se rompem*; é a ponte que nos liga à parte mais remota de nós mesmos.

É importante construir pontes que nos levem do nosso ser que se tornou eficiente,

autônomo, autossuficiente e sempre com pressa, a uma dimensão mais calma, para redescobrir o essencial que movimentou os nossos sonhos e desejos desde pequenos. No fundo, esta seria a ponte que nos liga à parte da nossa alma que é ainda menina, não para permanecer infantil, mas, para escutar o convite de Jesus: “Se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino dos Céus”.

Construir pontes com as próprias raízes, com a própria história, com as próprias feridas e alegrias, liberta a alma! Pontes pelas quais a vida que acontece a cada dia entra em comunicação com a parte mais íntima do próprio “eu”.

■ A ponte com o Outro e a transcendência

A segunda é a Ponte Ocidental que se encontra nas proximidades da cidade de Santa Fé de Antioquia, na Colômbia. É uma ponte monumental suspensa sobre o rio Cauca, vigiada por duas torres construídas há mais de um século. É uma ponte que voa sobre um rio e tem uma estrutura antiga. A primeira parte da ponte domina uma espessa vegetação e não se tem a percepção de sua altura. Enquanto se atravessa esta ponte tranquilos a pé, gozando da beleza do panorama que se abre adiante, a um certo ponto começa-se a se sentir suspensos. Para quem sofre de vertigens é quase impossível prosseguir, para-se para bater fotos e para olhar maravilhados os que conseguem caminhar com desenvoltura, superando a sensação de vertigem. Observam-se os que prosseguem com leveza, não se preocupando com a altura e com o vento, que parece impelir para baixo; observam-se aqueles que têm um único objetivo: chegar ao outro lado.

Atravessar estas pontes sem pensar na altura, simbolicamente me remete à *relação com a transcendência*. Há momentos em que se tem consciência do grande mistério que é Deus, mas são vividos com naturalidade. Outras vezes é como se ele fosse percebido em toda a sua inteireza e isto não pode senão causar vertigens. Se você se põe a pensar muito, não avança! É tudo muito grande, imenso, infinito e você se sente limitado no espaço e no tempo. Para poder atravessar a ponte sem medo, é necessário abandonar-se à leveza de quem sabe que está imerso em algo grande e maravilhoso,

que nunca entenderá profundamente, mas que olha para a meta e confia. Avança confiando.

“A nossa missão é ser mediação, ponte que une, para levar o homem a Deus, à sua redenção, à sua verdadeira luz, à sua verdadeira vida”.

■ A ponte das relações com os outros

A terceira ponte encontra-se num vilarejo, no Chaco Paraguai, única via de acesso a uma casa de indígenas situada para além de um rio pantanoso. A ponte é feita com ramos de árvore. É tão larga quanto dois ramos colocados lado a lado, e tem o comprimento de dez metros. De tanto em tanto há postes que podem servir de apoio. Não é alta, mas quem cai, acaba num pântano. Atravessando a ponte pode-se ver um longo tapete verde, feito de muitas folhas e plantas diversas, muito ordenadas, mas que esconde a armadilha do barro e da água. Para atravessá-la pode-se apoiar nos postes, mas estes vão se tornando mais espaçosos e a pessoa vai ficando sem ponto de apoio. Se existe alguém que a ajuda ela se sente segura, fora disso arrisca-se a perder o equilíbrio. Nesses casos é preciso ser um pouco ousado e se apressar, com passo firme. Esta eu chamarei de *ponte das relações*. Quantas vezes corremos o risco de cair no barro, quando não conseguimos atravessar as pontes que nos levam ao outro. As pontes que nos levam a acolher o outro e a aproximar-nos deles, são feitas com materiais simples, são essenciais, sem franjas e enfeites. São francas. Requerem atenção, equilíbrio, mas também risco, doando-se totalmente, sem cálculos. Nas relações, às vezes, não há alternativas, é preciso atravessar dificuldades para chegar ao coração do outro ou para fazer com que o outro chegue ao nosso. Nós poderíamos cair no barro... que sentido teria declarar-nos pessoas que amam, que deram a vida por amor, se depois não conseguirmos arriscar perder alguma coisa e até mesmo sujar-nos para não perder a relação com o outro...? Atravessando esta pequena ponte do Chaco paraguai, chega-se à casa de uma família indígena acolhedora e a primeira coisa que se pensa é que valeu a pena.

A vida acontece, mesmo sem o nosso super controle, por que então levantar muro de defesa e não gozar da beleza de atravessar uma ponte e deixar-se levar para outro lado?

A Mídia? ...uma vitrina

Patrizia Bertagnini

suorpa@gmail.com

Que função tem a mídia na definição da cultura pós-moderna? É legítimo atribuir-lhe o papel de criadora da cultura típica da sociedade contemporânea?

A análise da relação entre a pós-modernidade e a mídia coloca em evidência como a comunicação de massa não seja estranha à evolução da cultura contemporânea, no sentido da provisoriedade, do exibicionismo e da solidão, que tornam o homem presa de uma mentalidade consumista. Todavia a mídia não pode ser considerada responsável pelo surgimento de novos paradigmas culturais; antes, ela se apresenta como a vitrina necessária à difusão de modelos de vida que, no mínimo, podem esconder o grito de uma humanidade pobre de valores e faminta de sentido.

■ Características da sociedade pós-moderna

A pós-modernidade subverteu a confiança no progresso humano e no valor positivo reconhecido à ciência. Com o objetivo de caracterizar as contradições presentes na razão, na técnica e na história ela demoliu os fundamentos sobre os quais o mundo moderno havia construído o seu império, gerando a ideia de que a realidade carece de qualquer certeza e ponto de referência e que as escolhas morais do homem dependem somente da visão subjetiva que cada indivíduo tem da vida. No mundo pós-moderno não há espaço para a confiança (nem na razão, nem na ciência, nem em Deus) e esta falta faz cair por terra todo discurso ético: se a realidade não tem de prestar contas a ninguém e tudo acontece por acaso do qual não é possível subtrair-se, o homem não é livre e, por isso, nem mesmo responsável de suas ações.

■ Pós-modernidade e Mídia

Mas que relação as características da pós-modernidade (fragmentação, isolamento exibição, consumismo) têm com a comunicação de massa?

Da unidade à fragmentação

O traço basilar *que caracteriza* o pós-modernismo é a aceitação da fragmentação e da descontinuidade, a ideia de que todos os grupos têm o direito de falar de si, de serem escutados e julgados dignos de consideração. A adoção da montagem, da colagem, por parte da linguagem pós-moderna, em cujos estilos e palavras diversas se caproximam e se confundem, tira dos autores o poder de impor significados e oferece uma narrativa contínua e consequencial. Num mundo assim construído tornam-se centro da atenção as “celebridades”, as estrelas, os novos heróis da canção, do esporte, do cinema, das finanças.

Da pertença ao isolamento

O homem pós-moderno tem dificuldade para dar fundamento à unidade do eu, devido a uma identidade pessoal que se forma por meio do reenvio a lugares sempre diferentes e em contínuo movimento. Deste modo cada indivíduo tem a possibilidade de construir para si mesmo a identidade que mais lhe agrada, no momento em que ele mesmo achar oportuno; assim o sujeito é impelido a um perpétuo migrar de um ser ao outro. Esta pertença talvez contraditória, dá vida a uma humanidade composta de universos isolados que não conseguem estabelecer relações entre si e para os quais conta somente distinguir-se da massa.

Da verdade à aparência

Na cultura pós-moderna, ainda, está em crise a própria ideia de comunicação porque o homem é prisioneiro de uma rede elástica de códigos, estilos e significados que obstaculam reconstruções unitárias e coerentes do mundo. A rejeição dos valores estáveis concretiza-se, além disso, numa

obsessiva mudança de comportamentos, de modas, de correntes culturais. Ao profundo, onde residem as ideias que servem para buscar a verdade, substituiu-se a superfície, lugar da coleta de todos os dados disponíveis e permutáveis porque equivalentes entre si. Uma vez ganha a superfície como dimensão própria da experiência humana, o passo para a exibição de si e para o expor-se, é breve.

Da fruição ao consumo

Num contexto em que reina a circulação sempre mais veloz e anônima de informações e cultura, cada coisa e pessoa pode ser trocada e substituída por outra. O aumento da solidão e das dificuldades de comunicação, a diminuição da solidariedade social e da participação cívica, alteram o modo de consumir; a publicidade se propõe como produtora de bens não materiais e gratuitos dos quais dispomos sempre menos. Na sociedade pós-moderna, em que a mídia realiza a tarefa de oferecer substitutivos aos bens identitários e relacionais dos quais a cultura se tornou deficiente, não é possível qualquer universo e o homem é introduzido no supermercado das realidades possíveis.

■ **A Mídia como vitrina**

Como a televisão havia sido o novo mediador da cultura apresentando as obras artísticas como uma colagem de fenômenos equivalentes que podiam ser transportados para as casas num fluxo ininterrupto, assim também é emblemática a divulgação da Internet, onde milhões de navegadores solitários passam de uma informação a outra, de uma comunicação a outra, de um mundo a outro como num enorme banco de dados.

Espalhou-se, por isso, a convicção de que tudo pode ser imediatamente alcançado, espionado, roubado, mas inevitavelmente esquecido na sua individualidade, na sua história e levado em conta apenas no que diz respeito à função que realiza. No entanto, no papel que a mídia desempenha a respeito da sociedade pós-moderna em que vivemos, esconde-se a necessidade de um sentido de humanidade; por isso os meios de comunicação de massa são simplesmente uma vitrina em que são exibidas – e também reveladas – as urgências do homem de hoje.

Um homem que, para além da fragmentação do zapping, exige um *sentido* para o qual orientar o significado da própria existência; um homem que para além do culto ao exibicionismo pede a todo o custo para ser *reconhecido na própria individualidade original*; um homem que para além da tentação de fechar-se num mundo privado e inatacável, manifesta somente o medo de dizer – antes de tudo a si mesmo – *a quem pertence e para que vive*; um homem que para além da comodidade do ‘usa e joga fora’, não se contenta em consumir dias e energias, mas tem necessidade de poder utilizar todas as ocasiões que a vida oferece para satisfazer as próprias necessidades, *de preencher o vazio que teme*.

É verdade que o homem procura muitas vezes o essencial lá onde nunca poderá encontrá-lo, mas exatamente aquela selva, na qual espera reencontrar o que deseja, ela mesma mostra a necessidade de *sentido*, de *identidade*, de *reconhecimento* e de *plenitude de vida*, que o habita.

COMUNICAÇÃO *Cinema*

Taxi Teerã (Taksojuht) de Jafar Panahi – IRÃ – 2015

Mariolina Perentaler
m.perentaler@fmaitalia.iat

O caso do diretor Jafar Panahi é mais único que raro no cinema contemporâneo: condenado pelo regime iraniano a não fazer filmes, já dirigiu clandestinamente três, e conseguiu fazê-los chegar aos festivais e mandá-los girar pelo mundo.

O presidente do júri, Darren Aronofsky, ao entregar o Urso de Ouro 2015, no festival de Berlim, disse: “Jafar Panahi, com *Taxi Teerã*, escreveu uma carta de amor ao cinema. O seu filme é cheio de amor pela sua arte, sua comunidade, sua região e o seu público”. Nascido em 1960, em Mianeh, Panai fez curso de diretor na Escola de Cinema e Televisão de Teerã. Depois de ter produzido curtas e médias metragens para a TV iraquiana, assistiu Abbas Kiarostami na direção de “*Debaixo das oliveiras*”, em seguida estreou no cinema em 1955 com “*Os balões brancos*” – melhor primeiro longa-metragem no Festival de Cannes. Preso em 2009, em 2010 foi condenado a não poder mais fazer filmes, escrever roteiros, conceder entrevistas e sair do País. As proibições, porém, aguçaram a sua criatividade, e o seu cinema se tornou – como costuma acontecer quando serve – uma obra destinada a permanecer na história como testemunho da cinematografia que se faz militante.

■ A Teerã escondida de Panahi

O taxi, antes mesmo que o taxista, é o diretor, o homem Panahi: não pode mais decidir onde ir, mas vai, e a meta é a mesma viagem. É esta a essência do filme pluripremiado e tão elogiado pelo público, assim como pela crítica. Às vezes as restrições podem ser de tal modo sufocantes que destroem cada projeto e, muitas vezes, esmagam a alma do artista – observa o Diretor do festival de Berlim durante a premiação. Mas é também verdade que as restrições são muitas vezes fonte de inspiração para um autor, pois lhe permitem superar a si mesmo. Em vez de deixar-se destruir na mente e no espírito e desistir, em vez de deixar-se invadir pela raiva e pela frustração, Jafar Panahi reage. “E três”, sublinham realmente os títulos que apresentam a obra, na imprensa. Desde quando o tribunal o condenou a não dirigir filmes por ao menos 20 anos, já está no terceiro filme realizado clandestinamente. Para *Taxi Teerã*, porém, a novidade é que desta vez Panahi “sai”: de casa, fisicamente, e, interiormente, da depressão à qual a privação da liberdade o havia impulsionado, reencontrando o sorriso aberto que o distingue. Depois de 2 obras rodadas e montadas completamente dentro da própria

residência, a terceira o vê voltar ao externo, mesmo se de forma altamente experimental. Concede-se um longo giro pelas estradas de Teerã guiando um taxi – arriscando-se – retoma, inventando como um técnico quase invisível. Mas o belo é que exatamente este empreendimento – retomar a partir de um carro em movimento tudo aquilo que a censura de Estado o impede de mostrar – torna-se uma reflexão vivíssima e transbordante de ideias, seja sobre os mecanismos da censura, seja sobre os dispositivos colocados em cena. O taxista com o rosto aberto e sorridente é precisamente, ele com sua reconhecível identidade. Guia um carro público em giro pela congestionada capital iraniana, fazendo uma quantidade de encontros com gente comum (que o reconhece e o admira) e lhe conta a sua vida, o envolve, pede-lhe conselhos e pareceres. Um redemoinho de humanidade pequena e verdadeira que, com o sorriso mesmo quando o esforço de viver é evidente, dá a medida plena de um país e de um povo rico não só de história e cultura, mas também de potencialidades que não esperam outra coisa senão poder exprimir-se plenamente. O todo se desenvolve com naturalidade, mas – astuciosamente – o artista orchestra as coisas de modo que o filme se estruture como uma comédia que diverte, sem diminuir as suas amargas consequências. Contemporaneamente chega a dar prova de como se pode usar o cinema para fazer vazar as mais indizíveis e desconfortáveis verdades sobre um poder repressivo como o atual Iraniano.

PARA REFLETIR – A ideia do filme *Vencer a proibição legal de fazer filmes, retomando a vida que se desenrola e se relata na cena-cenário do existente.*

Sintetizando o que foi dito, o diretor toma um taxi e começa a girar pela cidade de Teerã, com a câmera. É o mês de setembro de 2014, com o seu carro, no painel de instrumentos uma câmera muito pequena para poder ser escondida numa caixa de lenços, e dá o sinal de partida a este seu pessoal desafio ao regime. Na condução, torna-se ator, fotógrafo, diretor e testemunha da vida cotidiana de Teerã, com retomadas contidas em 15 dias. Que não se trate de um documentário disse, ele mesmo, no posfácio assinado na conclusão do filme: “O Ministério da Cultura e da Orientação Islâmica convalida, os títulos de abertura e de

encerramento dos filmes que autorizam serem 'divulgáveis'. Com minha grande amargura, esta obra não tem títulos. Expresso, portanto, a minha gratidão a todos aqueles que se prestaram porque sem a sua preciosa colaboração este filme não teria sido possível". Trata-se de atores não profissionais: parentes, amigos e amigos dos amigos. Daí sai uma obra certamente realista, mas carregada de emoções e capaz de dar uma boa dose de humorismo, poesia, amor pelo cinema.

O sonho do filme

O uso do cinema como amor à verdade e conquista da liberdade, por meio de uma criatividade e de uma tecnologia, capazes de superar a censura.

Não se pode colocar a mordaca na liberdade – diz Jafar Panahi ao volante do taxi. "Sou um cineasta. O cinema é o meu

modo de expressar-me e é o que dá sentido à minha vida. Nada pode impedir-me de fazê-lo. E quando eu me encontro barrado, apesar de todas as proibições, a exigência de criar se manifesta de modo ainda mais compulsiva. O cinema enquanto arte é a coisa que mais me interessa. Por isso devo continuar a filmar. A prescindir das circunstâncias. Para respeitar aquilo em que eu acredito e para sentir-me vivo".

O desejo de vida, isto é, de liberdade, é o que vibra em toda esta obra poderosa e original, tão longe de pequenos filmes temáticos sobre o integralismo. A força das ideias, das risadas, da poesia e da denúncia permanecem o coração de todo o filme onde a realidade e a fixação se confundem e se tornam arte e vida.

Muito aplaudido, presta-se para reflexões sobre o cinema iraniano, cinema e política, cinema e tecnologia/linguagem.

COMUNICAR *Literatura*

Horizonte de fé e realismo humano de Milena Stevani

Emilia Di Massimo

emiliadimassimo@libero.it

O ideal religioso de consagração a Deus, configurando a própria existência à de Jesus Cristo, procurando realizar como Ele o projeto do Pai e o seu estilo relacional, confere à vida uma orientação específica. A vida consagrada poderia ser definida como um particular caminho de crescimento no amor, o qual não pode prescindir das dinâmicas humanas, dos processos e vivências psicológicas. A atração para uma vida doada completamente a Deus e aos outros não se confunde com a capacidade de viver tal desejo.

■ **Por uma vida consagrada mais encarnada**

O núcleo portador do livro escrito por Milena Stevani, consagrada e psicóloga, analisa os dinamismos psíquicos da pessoa que realiza uma específica escolha de vida consagrada, seguindo Cristo segundo os

conselhos evangélicos, integrando os conteúdos disciplinares inerentes ao âmbito da psicologia dinâmica, social e da religião.

Não o projeto sonhado no início da experiência da vida religiosa, não o plano elaborado pela racionalidade lógica, mas tudo quanto se encontra na vida concreta e que se desenrola na cotidianidade"

No livro indica-se de modo exato que a psicologia não assume como objeto de estudo o Transcendente, mas reflete sobre a vivência das pessoas que respondem a um chamado específico, porquanto os componentes psicológicos podem facilitar, ou não, o empenho religioso. O ideal da consagração, realizado num horizonte de fé, não pode ser separado da

própria vivência, feita de recursos e de fragilidades. A ação do Espírito não se sobrepõe ao humano, mas se enxerta nos processos psicológicos. As temáticas apresentadas com uma linguagem clara, linear, documentada e científica, conduzem o leitor a fazer uma viagem para dentro de si mesmo, favorecendo a reflexão sobre as experiências afetivas para reconhecê-las, aceitá-las e aprender a orientá-las, de modo tal a consolidar sempre mais autenticamente a própria escolha vocacional durante as estações da existência.

A articulação do texto

O texto, nos seus conteúdos fundamentais, é assim articulado: dos aspectos da dimensão afetiva, que podem influir na experiência vocacional, aos itinerários evolutivos sobre a dimensão afetiva e as mudanças que se verificam durante o ciclo vital, alcançando a necessidade de um percurso formativo no âmbito relacional, ao colóquio pessoal como ocasião de confronto, de formação permanente, e conduzindo às experiências cognitivas e afetivas, as quais incidem na elaboração da atitude religiosa.

■ Horizonte de fé e realismo humano

A vida fraterna oferece principalmente a oportunidade de “evitar formas de idealização e ensina a conjugar o processo de crescimento humano, no âmbito relacional, com o processo de conversão e de abertura a Deus e aos outros”, sobretudo nos seus aspectos conflitantes. É importante conscientizar-se das próprias dinâmicas relacionais para saber geri-las e viver uma fraternidade realista, na serena aceitação de que, mesmo quando se compartilha a mesma escolha de vida, isto não coincide com a automática experiência de unidade.

A autora aprofunda o tema da gestão do conflito na vida comunitária, tanto intrapsíquico como interpessoal, suas passagens graduais e, em seguida, indica um percurso formativo no âmbito relacional, necessário para aprender a enfrentar de modo realista as inevitáveis dificuldades e adquirir competências relacionais para uma comunicação construtiva. A formação permanente é fundamental, e o colóquio pessoal é uma ajuda válida de particular

importância na experiência feminina. O significado do confronto é apresentado no percurso vocacional, com suas dinâmicas relacionais capazes de dificultá-lo, e com as condições que, ao invés, o facilitam. As linhas metodológicas para o encontro pessoal levam em conta os diferentes lados, não colocam no centro exclusivamente a pessoa que deseja confrontar-se. As duas exigências que o responsável deve conciliar são a atenção à pessoa e a coordenação das atividades da comunidade: “aprender a escutar e aprender a orientar”.

“Um recurso relacional ou um nó crítico?”

■ A relação filial

As figuras parentais têm uma forte valência simbólica e uma intensa carga afetiva. Elas exercem uma influência notável no desenvolvimento da atitude religiosa do indivíduo e incidem sobre a relação pessoal com Deus. A autora sublinha que “hoje o ser filho/a é posto em questão pelos fenômenos sociais que põem em discussão a realidade da família”, portanto enfrenta-se um nó problemático, como a fragilidade e a ambivalência dos liames que as pessoas instauram, a facilidade com que se estabelece uma relação e a rapidez com que se rompe. Uma dificuldade que tem repercussões numa escolha de consagração, em particular na experiência de se sentir filhos de Deus, “de fato a experiência religiosa nunca está desligada dos processos psíquicos de elaboração da realidade interna e externa, mas está bastante em continuidade com o processo de elaboração da relação filial, portanto, com a experiência de ter sido filhos”. A parábola do semeador (Lc 8, 4-15), fio vermelho subjacente ao realismo humano, é uma ótima alegoria que traça o caminho indicado pela autora: abrir-se a Deus e ao próximo requer a coragem de lavrar a própria terra para que brote cotidianamente a semente que Ele espargue. Ler o texto, procurar confrontar com a própria existência os conteúdos que apresenta, conduz a “uma vida consagrada mais encarnada”, capaz de revelar sua beleza sempre nova e as surpresas que reúne em si, quando vivida dentro de um horizonte de fé e de realismo humano.

O rosto da alma

Mariano Diotto

m.diotto@iusve.it

O poeta Malcolm de Chazal escreveu que «o nosso rosto é um livro no qual muitos podem ler, mas do qual só Deus conhece o título», e no mundo musical os artistas também têm sempre procurado indagar o ser humano a partir do rosto.

■ O rosto sinal de amor

Na sua canção *Face in the crowd*, **Lionel Richie** cantando em dueto com Trijntje Oosterhuis, coloca o amor em primeiro lugar. O amor entre duas pessoas sabe reconhecer-se mesmo se nunca se viram, porque o rosto sabe contar estas emoções profundas: «*Não sei a cor da tua pele. Mas senti o amor que se encontra dentro e estou certo, sei sem dúvida que encontrarei o teu rosto na multidão. Não permitirei que esta sensação escape e ninguém pode tirar a minha fé. Estou certo, sem nenhuma dúvida de que encontrarei o teu rosto na multidão.*».

Mas o rosto pode esconder também tantas interrogações e nos pergunta qual é o sentido do nosso viver para conhecer-se melhor e compreender os próprios erros e os próprios limites. É isto que contam os **Coldplay** na sua famosíssima canção *God put a smile upon your face*, cantando: «*Aonde vamos? Ninguém sabe. Não dizer jamais que tu estás te abatendo, quando Deus te deu o estilo e te deu a graça e colocou um sorriso no teu rosto.*».

Há um clássico da música internacional intitulado *I've grown accustomed to her face* trecho do musical *My fair Lady* que todos os cantores mais famosos do mundo como **Barbra Streisand**, **Diana Kral**, **Gloria Estefan** e **Art Garfunkel** cantaram, porquanto exprime com extrema doçura o despertar ao lado da pessoa que se ama: «*Eu estou habituado ao seu rosto, faz quase começar o dia. Eu me habituei com os seus sorrisos, as suas caretas, os seus altos e baixos, são uma segunda natureza para mim agora, como expirando e inspirando.*».

■ O rosto marcado pela esperança e pelo sofrimento

O nascimento e a morte são dois extremos da vida. Quando nasce uma criança a primeira coisa que é dada aos pais é a visão do rosto do próprio filho. Ali todas as dores e sofrimentos desaparecem porque carregam nos braços o milagre da vida. O rosto relata a vida que nasce. É isto que narra Scott Stapp, líder da banda estadunidense **Creed**, que escreveu a canção *With arms wide open*, assim que soube que se tornara pai: «*Assim que ouvi as novidades hoje, parece que a minha vida estava para mudar. Fechei os meus olhos, e comecei a rezar, então lágrimas de alegria desceram pelo meu rosto. Com os braços abertos, à luz do sol, bem-vindo a este mundo, Te mostrarei tudo de braços abertos.*»

O rosto, porém, pode também ser marcado pelo sofrimento e pelos imprevistos da vida. As palavras de **Francesco Renga**, contidas na canção *Rosto no muro*, relatam perfeitamente esta sensação: «*Nós dois somos semelhantes. Muito frágeis para ficarmos sós. E se viver é uma doença. Tu, minha irmã. Não me abandonar. Vivo exatamente como tu. Chamo sempre alguém que não me responde e grito, rosto contra o muro. Não desisto, te juro. Fico aqui.*»

A vida então requer também alguns destaques, os mais dolorosos, que são forçados, não decididos pessoalmente, como, por exemplo a morte de um pai. Pode ser para um filho um evento dramático, que não se poderá evitar ou adiar, mas ao qual é preciso resignar-se aceitando a mudança acontecida e procurando prosseguir o percurso empreendido precedentemente. Esta separação é relatada magistralmente pelo grupo de rock cristão **Jars of Clay** que na sua canção *All my tears* descreve este momento assim: «*Quando eu for, não chores por mim. Estarei nos braços de meu Pai. As feridas que este mundo deixaram na minha alma serão todas curadas e estarei na plenitude. Sol e lua serão substituídos pela luz do rosto de Jesus e não quero envergonhar-me. Porque o meu Salvador conhece o meu nome.*».

Cícero dizia que «o rosto é a imagem da alma, os olhos são os seus reveladores» e nós, por meio dos olhos, podemos perscrutar o rosto de quem nos circunda para compreendê-lo em profundidade com aquele olhar que Mahatma Gandhi chamava “olhar de artista”: «Para um verdadeiro artista deveria ser bonito somente aquele rosto que, independente de todo aspecto externo, brilhe da Verdade que está na alma».



Frases de autores

«Há dois modos de olhar o rosto de uma pessoa. Um deles, é olhar os olhos como parte do rosto, o outro, é olhar os olhos e basta... como se fossem o rosto» (*Alessandro D’Avenia*).

«Um olhar que revela o tormento interior adiciona beleza ao rosto, não importa quanta tragédia e pena revele, enquanto o rosto que não expressa no silêncio os mistérios escondidos não é bonito, não obstante a simetria das traços. O cálice não atrai os lábios se não traduz a cor do vinho através da transparência do cristal» (*Khalil Gibran*).

«O rosto humano é de fato, como o rosto de Deus em qualquer teogonia oriental, todo um reagrupamento de rostos, justapostos sobre diferentes planos de modo que não se veem todos de uma vez» (*Marcel Proust*).

«O rosto é o espelho da mente, e os olhos sem falar confessam os segredos do coração» (*São Jerônimo*).



COMUNICAR *Laboratório Imagem*

Fotografar para comunicar

Caterina Cangì

sisternet@thesisternet.it

A imagem fotográfica, extraordinário instrumento de análise e de interpretação da realidade e da sua transformação, tem uma semântica própria, que está parcialmente contida no sentido das palavras que a descrevem. Por este motivo, a “leitura” de uma foto é indispensável para entendê-la, assim como a entendia o seu autor. Do mesmo modo, a realização de uma foto deve ser simbiose do conteúdo e da forma, do sujeito e da sua realização: por trás de uma foto bem realizada há o estudo, a vontade de dizer alguma coisa que toque o coração e crie um diálogo. O que diz uma foto não é o resultado do pensamento. Um projeto de foto faz fermentar um conteúdo semântico e em seguida “dispara” quando ficou maduro.

■ O que fotografar: entre a didática e a pastoral

As fotos de objetos ou de ações podem ser muito úteis para a didática em geral e para os Distúrbios Específicos de Aprendizagem, em particular. Por exemplo, a aquisição do léxico numa língua diferente da própria é facilitada pela presença de fotografias, uma série de imagens a serem descritas ajuda a aumentar a potência da comunicação oral, e a realização de uma montagem fotográfica com tema é uma ocasião feliz para empenhar os maiores a entenderem a realidade do seu bairro. Como fotografar então?

■ A natureza morta

A natureza morta, por definição, não se move! Podemos por isso apropriar-nos melhor da arte da composição, exercitar-nos em variar a velocidade do obturador, a sua abertura e a disposição das fontes de iluminação. As ocasiões para fotografar naturezas mortas são quase infinitas: desde os objetos presentes num estojo escolar, úteis para adquirir o léxico, até as flores e as, frutas para uma aula de ciências, e os elementos simbólicos para a catequese dos sacramentos. Se para a didática é oportuno fotografar os objetos com fundo branco, para a catequese é melhor colocá-los com fundo de pano ou de madeira de cor adequada, para criar ambiente. Procuramos obter imagens claras e com contornos precisos para eventuais aperfeiçoamentos sucessivos, no Photoshop.

■ A paisagem e a macrografia

Fotografar a paisagem requer procurar o melhor ponto de vista e disparar ao amanhecer ou no crepúsculo porque nestes momentos do dia a luz se “estende” sobre cada coisa presente no enquadramento, como uma pincelada. Escolhemos uma abertura mínima do obturador visando obter uma grande profundidade de campo e colocar em foco os vários planos. A fotografia macro diz muito tanto didática como pastoralmente. Restitui a imagem que capta os detalhes, mas que exige habilidade técnica e muita paciência e precisão. Mergulha na beleza e oferece numerosas ocasiões de “dizer” a criação por meio dos versículos dos salmos. A erva, as gotas de

orvalho, um caranguejo na rocha, se fotografados contra a lua, ajudam a atenção e a concentração, além de aproximar da natureza.

■ Relatar a cidade

Podemos focalizar monumentos históricos ou construções arquitetônicas espetaculares para dar a ideia da cidade, da sua cultura, do seu “espírito”. Tenhamos presente a composição, usando como regra geral as linhas características da construção e as *angulaturas* que fazem ver o monumento ou o palácio, fotografados de um ponto de vista não usual e criativo. É preciso rigor no respeito à verticalidade das linhas, a menos que se decida por uma angulação inclinada e então inclinamos a máquina fotográfica o necessário para obter o efeito. Um cuidado particular é usado dentro das igrejas e das capelas, onde a luz natural, que atravessa pequenas ou grandes janelas ou vitrais, pode fazer nascer o desejo de recolhimento e de oração.

■ O retrato

Fazer um retrato é uma operação exigente, mas apaixonante, porque não se trata apenas de usar uma boa técnica fotográfica, mas de entrar em comunicação com a pessoa a ser fotografada. Temos um objetivo somente: capturar, num instante, numa só expressão, a riqueza de uma personalidade. Focalizamos perfeitamente os olhos porque quem lê uma imagem é magneticamente atraído pelos olhos do sujeito. Quando for possível, utilizar um foco central, porque é mais preciso. Se o nosso sujeito é de três quartos e é impossível focalizar ambos os olhos, é importante concentrar o foco sobre o mais próximo. Cuidamos da simplicidade e autenticidade do clima instaurado e o restante o fará a máquina fotográfica. Não nos esqueçamos da liberação a ser assinada pelos pais dos menores, se as fotos precisarem ser expostas, publicadas ou colocadas no nosso site.

■ A reportagem

Para a reportagem é melhor utilizar uma máquina fotográfica discreta para colher, sem perturbar, aquilo que queremos dizer. O que conta na reportagem é relatar uma história social ou cultural mostrando os sujeitos no seu contexto. Quem “lê” uma reportagem

fotográfica bem feita, lê as imagens filtrando-as por meio da própria vivência, da própria o próprio gosto estético. Este, porém, não é suficiente. As fotografias devem ser de tal modo contextualizadas a ponto de fazer o leitor participar da problemática relatada. Em nível de composição, fazemos campos médios ou totais para relatar o contexto e

emoção, das próprias convicções culturais e planos aproximados para relatar as pessoas. Para a reportagem de eventos, como festas organizadas pela comunidade educativa, é bom preparar-se com uma escada para poder percorrer em paralelo todo o evento.

Trabalhar com os jovens

Como melhorarmos, nós mesmos, e ajudarmos os jovens a melhorar na criação de fotografias carregadas de significado? Em primeiro lugar olhando e analisando um grande número de imagens, depois exercitando-os com as noções de composição, enquadramento, cor, perspectiva. Enfim, fotografando, mas sempre com um objetivo. “O que quer transmitir o autor?” Aparentemente parece uma pergunta óbvia, mas subentende a exigência de livrar-se das próprias convicções para seguir o convite a abrir-se a uma leitura semântica que se empenhe em decodificar o sentido da fotografia analisada.

Aprender com os mestres

Frillici Pier Francesco, *Na estrada da reportagem*, Editora Auilan, Castel Maggiore (BO) 2007.

Pieroni Augusto, *Ler a fotografia. Observações e análises das imagens fotográficas*, Edições EDUP, Roma 2006.

Salgado Sebastião, *Da minha terra à terra*, Contraste Srl, Roma 2014



Hospedar os peregrinos...

Peregrinos, como todos somos nós, temos necessidade – quem mais quem menos – de encontrar acolhida, temos necessidade que alguém nos dê hospitalidade. Talvez, queridas amigas, não percebamos isto plenamente, seja porque não vivemos propriamente sozinhas, seja porque temos um teto sobre a cabeça. E assim nós nos sentimos muitas vezes protagonistas ativas e não destinatárias desta obra de misericórdia corporal. Todavia, deixem-me lhes dizer, o dever de expressar esta hospitalidade cordial, nós delegamos a quem é responsável pela movimentação na entrada de nossas casas: as porteiras.

Ao se fazer de ponte entre a comunidade e o mundo circunstante, a porteira se caracteriza por um extraordinário senso de equilíbrio que lhe permite encontrar a correta síntese entre o envolvimento e a prudência, entre a jovialidade e a reserva.

Com sua presença atenta às mil nuances das expressões faciais de quem passa por ela, e à marcha de quem corajosamente, cansado e tímido que seja, ultrapassa o limiar das nossas casas, a porteira é a janela por meio da qual a comunidade se inclina sobre o mundo.

Vocês querem saber qual é o humor dos pais dos jovens?... perguntem à porteira! Querem entender o que torna as crianças inquietas?...interpelem a porteira! Querem um esclarecimento sobre as preocupações que afligem as famílias?... dirijam-se à porteira!

A porteira é uma mulher que se deixa envolver nas alegrias e nos trabalhos de uma humanidade que precisa encontrar acolhida. Escuta com generosidade as confidências dos que se aproximam e as guarda com tanta cautela que eles podem ficar certos de que a confiança que depositaram nela está bem guardada.

A versão feminina deste novo São Pedro, que é a porteira de plantão, tem também a prerrogativa de ser uma pessoa jovial, com uma luminosidade contagiosa, e – ao mesmo tempo – de revelar-se oportunamente discreta, reservada e, na aparência, imersa nos próprios pensamentos. O constante oscilar entre estes dois extremos é indispensável para transmitir às pessoas tanto a serenidade que se respira nos nossos ambientes, quanto a privacidade que, como religiosas, queremos garantir. E paciência se o preço a pagar for o de estar em alguns momentos (ou com alguém...) alegres e despreocupados, e em outros (ou com algum outro...) silenciosos e taciturnos... Abrir uma porta é sempre uma obra de misericórdia superfina, prescindindo da cordialidade ou da antipatia do peregrino que bate!



PRESTO ON LINE



A revista **da mihi animas** será em breve on line na sua versão digital.

Leitura, aprofundamento, filmes, entrevistas e a possibilidade de contribuir e enriquecer o diálogo com novas reflexões.

Em breve on line te esperamos!



O código QR (Quick Response), aqui ao lado, te permitirá fornecer ao teu dispositivo móvel (smartphone ou tablet), diversas informações simplesmente enquadrando-o com a fotocâmara do teu dispositivo. Scarica l'App gratuita, inquadra e potrai condividere con noi molti contenuti extra.

www.rivistadma.org



EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes fma

Revisão: Ir. Maria Gazzetto fma



“Bangui, capital espiritual do mundo”.
O Papa Francisco abre a primeira Porta Santa do Jubileu da misericórdia da Igreja Universal, da Catedral da capital da República Centro-africana, uma igreja pobre construída no final dos anos Trinta.

(Bangui, 29 de novembro de 2015)

«Nesta terra de sofrimentos estão todos os Países do mundo.
Bangui é a capital da oração à misericórdia do Pai.
Todos nós pedimos paz e reconciliação».

(Papa Francisco)